



## JUVENTUDES BRASILEIRAS – desafios do presente, promessas para o futuro

Grupo de Análise de Conjuntura da CNBB – Padre Thierry Linard<sup>1</sup>

13 de maio de 2024<sup>2</sup>

*“A juventude esteve e está presente na história não apenas como parte, mas como protagonista das lutas e revoluções que mudaram os rumos do mundo. É o jovem que carrega em si a qualidade do sonho do futuro cheio de expectativas, assim como um presente de grandes possibilidades. A construção de uma sociedade mais justa passa necessariamente pela organização da juventude e, é munido desses sonhos que somos capazes de agregar em torno de nós a potência necessária para enfrentar as lutas diárias. Por isso, é necessário nos atentarmos ao valor da juventude e ao seu papel transformador. É preciso fazer entender que o jovem está em todos os espaços, e por isso influencia diretamente nos rumos da sociedade em todos os seus segmentos. É através da compreensão dessa juventude, com olhar atento e com senso de prioridade, que transformaremos a sociedade”. (Laura Martins e Luis Fernando Vitagliano)<sup>3</sup>*

<sup>1</sup> Este texto é um produto da equipe de Análise de Conjuntura da CNBB. É um serviço para a CNBB. Não representa, contudo, a opinião da Conferência. A equipe é formada por membros da Conferência, assessores, professores das universidades católicas e por peritos convidados. Participaram da elaboração deste texto: Dom Francisco Lima Soares – Bispo de Carolina (MA), Frei Jorge Luiz Soares da Silva – assessor de relações institucionais e governamentais da CNBB, Pe. Thierry Linard de Guertechin, S.J. (*in memoriam*), Antonio Carlos A. Lobão – PUC/Campinas, Francisco Botelho – CBJP, Izete Pengo Bagolin – PUC/Rio Grande do Sul, Maria Cecília Pilla – PUC/Paraná, Jackson Teixeira Bittencourt – PUC/Paraná, José Reinaldo F. Martins Filho – PUC/Goiás, Ricardo Ismael – PUC/Rio, Manoel S. Moraes de Almeida – Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, Marcel Guedes Leite – PUC/São Paulo, Robson Sávio Reis Souza – PUC/Minas, Ima Vieira – REPAM, Tânia Bacelar – UFPE, Maria Lucia Fattorelli – Auditoria Cidadã da Dívida, José Geraldo de Sousa Júnior – UnB e Melillo Dinis do Nascimento – Inteligência Política (IP). Para esta análise de conjuntura, também contamos com a participação de Ricardo Spíndola Mariz, da União Marista do Brasil, Luís Emmanuel Barbosa da Cunha – coordenador do programa Direito à Cidade do Cendhec – Centro Dom Helder Camara de Estudos e Ação Social, e de alguns jovens pesquisadores: Narcélio Ferreira de Lima (Pastoral da Universidade, doutorando PUC Goiás), Pe. Helton Thyers de Melo Oliveira, CSsR (Psicólogo, mestrando PUC Goiás), Daniel Carvalho da Silva (Repam, doutorando PUC Goiás) e Andréi Baruk Silva Cunha (mestrando PUC Goiás).

<sup>2</sup> Festa litúrgica de Nossa Senhora de Fátima.

<sup>3</sup> MARTINS, Juliana e VITAGLIANO, Luís Fernando (orgs.). **Juventude no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2019, p. 7.





## INTRODUÇÃO

Em maio, quando celebramos as mães e a festa litúrgica de Nossa Senhora de Fátima, o que mais nos chama a atenção é a situação gravíssima da tragédia que assola um pedaço de nosso país: o Rio Grande do Sul sobrevive a temporais e cheias que já levaram a 147 vítimas, 127 desaparecidos e 806 feridos (em 13 de maio de 2024). Pode piorar muito e temos uma tarefa nacional na recuperação das vidas.

Toda a Igreja está mobilizada em ações de apoio e solidariedade. Em nossas análises de conjuntura temos alertado para o enorme desafio que são os “padrões climáticos em mudança que resultam em frequência e severidade crescentes dos desastres naturais”. Eles representam uma “ameaça global com potencial para causar perdas significativas em vidas, meios de subsistência e produção”, conforme sustentado no texto de abril de 2024, dentre tantos outros em que já se vem indicando o que chamamos de “crise existencial”. Para junho, já antes dos eventos extremos na região sul, planejou-se um texto exclusivo sobre a conjuntura ante ao chamado do Papa Francisco para uma Ecologia Integral.

Para este maio, entretanto, vamos destacar outra grande questão, a juventude (ou as juventudes). A Igreja, no Sínodo de 2018, afirmou que ela, ao ocupar-se dos jovens, “no seu conjunto fez uma opção muito concreta: considera esta missão uma prioridade pastoral decisiva, na qual deve investir tempo, energias e recursos. Desde o início do caminho de preparação, os jovens manifestaram o desejo de ser envolvidos, valorizados e sentir-se coprotagonistas da vida e missão da Igreja”<sup>4</sup>.

Segundo dados apresentados pelo Atlas das Juventudes de 2021<sup>5</sup>, o Brasil tem atualmente quase 50 milhões de pessoas com idades entre 15 e 29 anos, número que mostra que nunca tivemos tantos jovens no país, porém a previsão é que esse número regreda nos próximos anos.

---

<sup>4</sup> Exortação Apostólica Pós-Sinodal, *Christus vivit*. Disponível em <http://secretariat.synod.va/content/synod2018/pt/documento-final-del-sinodo-dos-bispos--os-jovens--a-fe-e-o-disce.html>. Acesso em 08/05/2024.

<sup>5</sup> BARÃO, Marcus et al. **Atlas das Juventudes**. Abril, 2021. Disponível em: <https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&q=como+fazer+a+referencia+bibliogr%C3%A1fica+do+atlas+da+juventude>. Acesso em 08/05/2024.





Há predominância de jovens negros, são 51% de pardos e 10% de pretos, lembrando que é esse o grupo que apresenta o maior número de pessoas em vulnerabilidade social no Brasil. A distribuição entre os sexos feminino e masculino é equilibrada, mas os homens apresentam uma taxa de mortalidade 3,5 maior do que as mulheres. De acordo com o Atlas das Juventudes (2021, p. 17), os jovens do sexo masculino entre 11 e 24 anos têm 11 vezes mais chance de sofrerem uma morte violenta, que jovens do sexo feminino na mesma faixa etária.

As maiores urgências hoje, segundo o Atlas (2021, p. 18-24) são: as desigualdades de raça em relação à educação, ao trabalho e renda, e à segurança pública. Esse documento nos mostra que: em 2019, 74,4% das vítimas de violência fatal eram negras e 51,6% eram jovens de até 29 anos; as juventudes indígenas são invisibilizadas nos dados oficiais; em 2017, havia 8,3% de jovens vivendo em situação de extrema pobreza e 30,1% em situação de pobreza. E completa com um dado da UNICEF, que os jovens com deficiência são um dos grupos sociais mais excluídos. Sobre essa informação, torna-se mais alarmante quando aplicamos para o Brasil, já que se estima que nosso país possua 45,6 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência, das quais 6,6 milhões são jovens entre 15 e 29 anos.

Em vários círculos de discussão escutamos críticas ou preocupações a respeito da juventude. Em geral, informalmente, usamos o termo no singular, e não pensamos muito sobre as classificações formais do que seria esse período da vida. Para o senso comum, em rodas de descontraídas conversas, a maior parte das pessoas ignora a classificação oficial da Organização Mundial de Saúde (OMS) que determinou que jovem são todos (as) aqueles (as) que têm entre 15 e 24 anos, no entanto, todo mundo, ou quase todo mundo entende a que nos referimos quando falamos sobre esse ou aquela jovem. Talvez, ordinariamente, o (a) jovem é aquele que já não é mais criança, mas também não é ainda um adulto (a). Mas afinal o que é ser jovem? O que é ser jovem no Brasil? O que, ou quem, determina estar na fase da juventude? Quem orientou para que fosse acrescentado um “s” a esse termo?

Primeiro é importante entender que “juventude” ou “juventudes”, “ser ou não jovem”, são construções histórico-culturais, ou seja, são conceitos criados e compreendidos diferentemente em outras épocas e tem particularidades a cada sociedade. Talvez, um dos melhores caminhos para





se conhecer essa questão seja assumir que não há uma única definição válida, mas provavelmente a melhor escolha para um determinado tempo e lugar. Assim é que o para o Brasil contemporâneo escolhemos, por meio do Estatuto da Juventude de 2013<sup>6</sup>, que jovem são todos (as) com idade entre 15 e 29 anos. Mas veremos que nem sempre foi assim.

Philippe Ariès<sup>7</sup>, em seu clássico livro “A história social da criança e da família”, traz uma das muitas classificações etárias que circulavam em tratados que ele denominou como “pseudocientíficos da Idade Média”, conhecida como “idades da vida” ou “idades do homem”. Nada mais era, segundo ele, do que uma espécie de categorização baseada em explicações físicas que remontavam à Antiguidade, e que em meio às suas disposições podemos encontrar o que, por muito tempo, no Ocidente, procurou-se definir como jovem ou juventude. Podemos dizer que seria essa etapa aquela entre a adolescência, que termina por volta dos 30 anos e a senectude que começa aos 45, 50 anos. Então, a juventude começaria, de acordo a “idades da vida”, aos 30, 35 anos e terminaria aos 50 anos, e seria definida não somente pela sua característica etária, mas sobretudo por elementos de transição, pois nesse período, a pessoa ainda estaria no auge de suas forças e autonomia para gerir a si e aos outros.

Dessas informações trazidas por Ariès, pouco se assemelha ao arrolamento atual sobre ser jovem, pois para nós, embora haja controvérsias, a juventude é a casa entre os 15 e 29 anos. Porém, há algo de permanente nesses dados, o caráter transitório do conceito, algo que transcende as idades, mas que parece inerente à condição do “ser jovem”. Seria essa fase de mudanças, aquela, como nos diz Giovanni Levi e Jean-Claude Schmitt<sup>8</sup>, situada entre “a dependência infantil e a autonomia da idade adulta”, período da maturidade sexual, do florescimento das “faculdades mentais”. Época das promessas para o futuro, de aquisição de autoridade e de poder.

Mas, além das qualidades dessa fase da vida, também há os riscos, as ameaças àqueles (as) que ainda não são considerados (as) totalmente prontos (as) para enfrentá-las, e, por isso, são intrinsecamente instáveis, muitas

<sup>6</sup> O Estatuto da Juventude foi criado pela Lei n.º 12.852 de agosto de 2013. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm). Acesso em 08/05/2024.

<sup>7</sup> ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

<sup>8</sup> LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude. **História dos Jovens**. Da Antiguidade à Era Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.





vezes suscetíveis ao descomprometimento e à irresponsabilidade. Alvos da angústia do mundo adulto, que os (as) considera imaturos (as) para obedecer a toda sorte de regras e normas jurídicas e sociais que lhes são impostas, pois essa parte da vida é simbolicamente entendida como conflituosa, desagregada e constantemente sob ebulição.

A referência a Ariès é valiosa no sentido de que suas conclusões se apoiam em um método pródigo em possibilidades para inferências em âmbitos muito distintos do que teria motivado sua análise. Para criminólogos que dele se valeram<sup>9</sup>, as análises de Ariès, a partir do exame de pinturas (retratos de famílias) que captam o universo de sistemas sociais e os lugares dos indivíduos nesses sistemas, uma tese plenamente reconhecida é a de que na sociedade tradicional, e até já bem entrado o século XVI, a infância tal como ela é entendida hoje, não existia: *“refutando a tese da psicologia positivista que vinculam a categoria infância a determinadas características da evolução biológica, o enfoque histórico a apresenta como o resultado de uma completa construção social que responde, tanto a condicionamentos de caráter estrutural quanto a sucessivas revoluções no plano dos sentimentos”*.

Não é fora de contexto lembrar que foi a Sociedade de Proteção aos Animais, de Nova Iorque (1875), como protagonista de uma intervenção da sociedade civil a exigir do Estado atuação protetiva, em face de abusos sobre crianças praticados por familiares, que levou à criação da *New York Society for the Prevention of Cruelty to Children*, pré-condição de um processo político-cultural importante para que, em 1899, por meio do *Juvenile Court Act de Illinois*, se criasse o primeiro tribunal de menores nos Estados Unidos.<sup>10</sup>

Daí que a educadora paulista Maria Lúcia Prandi, ex-coordenadora da Frente Parlamentar Estadual pelo Fim de Todo Tipo de Violência e Exploração contra Crianças e Adolescentes, tenha atribuído a essas expressões – criança, adolescente – como enunciados de um estágio do desenvolvimento de *processo de vida*, espécie de palavras viajantes, que se inserem também

<sup>9</sup> MÉNDEZ, Emilio García. El Niño y el Sistema de la Justicia Penal: Elementos para una Historia Latinoamericana. In CASTRO, Lola Aniyar de. **Criminologia en America Latina**. UNICRI – Instituto Interregional de Naciones Unidas para Investigaciones sobre el Delito y la Justicia. Roma, mayo, 1990).

<sup>10</sup> MÉNDEZ, Emilio García, 1990, op. cit.





numa realidade de criação social e de produção de sentido que permitem o *desenvolvimento de uma identidade social positiva*<sup>11</sup>.

Se aplicada à abordagem criminológica, essa ordem de consideração tem um alcance acautelador quando se associa uma condição caracterizadora do recorte juvenil e se de impõe uma ação inibidora de seu *processo de vida* para enquadrá-lo mais em termos de repressão e contenção de suas formas rebeldes ou contestadoras de suas atitudes no mundo, criminalizando-as ao invés de orientá-las pedagogicamente, nas reincidentes tentações de imputação penal com redução da idade de responsabilização criminal<sup>12</sup>.

Assim cuidou de orientar a CNBB, quando o debate sobre o rebaixamento da idade penal veio à pauta das discussões nacionais, em conjuntura pós-estatuto da criança e do adolescente, para exortar a que se entenda *“que a solução para a violência de crianças e adolescentes passa pela garantia ao acesso às políticas públicas básicas que operam como preventivas aos atos infracionais. Se por um lado nos alegramos com o avanço do marco legal brasileiro, com tristeza constatamos que o Estado tem sido omissivo na garantia da prerrogativa constitucional da prioridade absoluta para crianças e adolescentes; como também tem sido muito lento na implementação das providências contidas no Estatuto da Criança e do Adolescente”*<sup>13</sup>.

Maria Rita Kehl, psicanalista e jornalista brasileira, em seu livro *“Adultescência”*<sup>14</sup> afirma que existe uma supervalorização da juventude, pois ela se tornou um dos alvos principais de consumo. Em artigo publicado na

<sup>11</sup> PRANDI, Maria Lúcia. O Mito do Rebaixamento da Idade Penal. **Boletim Juízes para Democracia**. Ano 5, nº 24, abril/junho 2001.

<sup>12</sup> SOUSA JUNIOR, José Geraldo de. A Construção Social e Teórica da Criança no Imaginário Jurídico. In **A Razão da Idade: Mitos e Verdades**. Brasília: MJ/SEDH/DCA, 2001.

<sup>13</sup> Pronunciamento da CNBB sobre o Rebaixamento da Idade Penal. 39ª Assembleia Geral, de 12 a 21 de julho de 2021, em Itaici, Indaiatuba, SP.

<sup>14</sup> O termo “adultescente” foi criado na Inglaterra em 1997 e significa o comportamento e estado de espírito adotados por adultos. Termo adotado por Contardo Calligaris e outros pesquisadores no final dos anos 1990 na tentativa de compreender estágios da vida humana. Ver: CALLIGARIS, Contardo. **Folha de S. Paulo** [on-line]. 1998 [19-03-2001]. Disponível em: <http://fws.uol.com.br/folio.cgi/fsp1998.nfo/query=adultes>. Acesso em 08/05/2024.





Revista Carta Capital<sup>15</sup> que trouxe trechos de uma entrevista com Maria Helena Pires Martins, em que essa autora sugere que o tema do consumo deve ser tratado desde os primeiros anos das crianças na escola, pois é preciso que sejamos consumidores (as) responsáveis. Segundo Maria Helena, são os (as) jovens os (as), mais suscetíveis aos apelos das mídias, e em especial pelas redes sociais, movidos (as) principalmente pelo desejo de serem aceitos (as) pelo grupo. Essa questão é extremamente importante, pois vivemos tempos em que urge repensar o desperdício.

A partir do panorama dos conceitos e dados trazidos sobre a juventude brasileira acima, o presente texto pretende abordar algumas das principais questões relativas a essa faixa etária no Brasil atual.

Por fim, vale destacar que Zygmunt Bauman fez uma reflexão que notava um descompasso entre o processo de desenvolvimento da maturidade biológica e “maturidade” social da juventude. Seria algo do tipo – uma biologia de adulto e um comportamento ainda infantilizado. Seria um “encurtamento do tempo de maturidade biológica e um prolongamento do tempo de maturidade social”. Talvez essa seja uma das portas para analisar o momento atual. Essa questão está no livro *Ensaios sobre o conceito de cultura* – no capítulo específico da educação<sup>16</sup>.

A reflexão é pertinente e deve ser feita, mas sem cair nalguma forma de acusação da juventude por seu não engajamento em diferentes campos da vida social. De fato, ao longo das últimas décadas, construiu-se um “modelo” a ser perseguido de vida: ingresso na vida universitária, ingresso no mundo do trabalho, casamento, procriação etc. Um modelo tal como, supostamente, a humanidade havia replicado até agora. Há, no entanto, questionamentos mais profundos à juventude que, ou a mobilizam a tomarem parte nesse conjunto de iniciativas, ou a faz repelir o modelo, embora também não consiga inaugurar um novo modo de vida. Por que a juventude deveria repetir a vida como seus pais fizeram se ela escuta diariamente, ou estuda e sabe disso, que a vida no planeta está ameaçada, e que o planeta não irá suportar mais muito tempo, justamente pela forma como os processos foram conduzidos até aqui? Por que desejaria se casar e ter filhos, numa época de

---

<sup>15</sup> PAIVA, Thais. “O jovem é especialmente suscetível aos apelos do consumismo”. Carta Capital, 24 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/o-jovem-e-especialmente-suscetivel-aos-apelos-do-consumismo/>. Acesso em: 28/04/2024.

<sup>16</sup> Ver BAUMAN, Zygmunt. **Ensaios sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.





casamentos enfraquecidos e infelizes, de uma sociedade em geral dependente de auxílio psicológico, farmacológico para dormir e acordar, de coachings, de *personal tudo*, de fotos irreais em redes sociais, de empregos que não os suportam ou não lhes sustentam (falta de seguridade, horário comercial, falta de estabilidade)? Por que o atual modo de viver inspiraria seguidores? Diante disso, podemos nos colocar uma última pergunta: a responsabilidade é exclusiva das juventudes por não quererem amadurecer ou da sociedade como um todo, que não cria as condições mínimas para que os mais jovens possam desenvolver as suas potencialidades?

## 1. JUVENTUDE BRASILEIRA: NÚMEROS RELEVANTES

De acordo com o Atlas das Juventudes (2021), o Brasil tem quase 50 milhões de pessoas com idade entre 15 e 29 anos. Sendo 51% pardos, 10% pretos, 38% brancos, 0,5% amarelos e 0,4% indígenas. A maioria vive em regiões urbanizadas: 28% no Norte, 26% no Nordeste, 24% no Centro-Oeste, 21% no Sudeste e 21% no Sul.

Segundo uma pesquisa da UNESCO que entrevistou 16 mil jovens brasileiros (as), 63% relataram ter ansiedade e 47% pedem acompanhamento psicológico na saúde pública. Em um quadro que foi agravado pela pandemia, os jovens têm sido tomados por sentimento de insegurança, ansiedade e incertezas em relação ao seu futuro profissional levando a que, nesse contexto, 11% dos jovens já tenham pensado em parar de estudar.

Dados coletados pelo IBGE mostram que 10,9 milhões de jovens não estudavam nem estavam ocupados em 2022. Entre estes, 43,3% eram mulheres pretas ou pardas, 24,3% eram homens pretos ou pardos, 20,1% eram mulheres brancas e 11,4% eram homens brancos. 4,7 milhões de jovens não procuraram trabalho e nem gostariam de trabalhar (trata-se de pessoas que se colocaram fora da força de trabalho, ou seja, não faziam parte da PEA, não se incluindo, assim, entre os 10,9 milhões de jovens citados). Os trabalhos domésticos e os cuidados de familiares ainda impedem muitas mulheres jovens de estudar e de trabalhar, diz a pesquisa. Dos jovens de ambos os sexos que não estudam e nem trabalham, "61,2% eram pobres, com renda domiciliar *per capita* inferior a US\$ 6,85 por dia, e 14,8% eram extremamente pobres, com renda domiciliar *per capita* abaixo de US\$ 2,15 por dia, de acordo com as linhas de pobreza do Banco Mundial. No Nordeste, 75,5% dos





jovens que não estudam e não estão ocupados estavam na pobreza e 22,5% na extrema pobreza".<sup>17</sup>

Em matéria da Revista Exame de julho de 2023, em 37 países pesquisados, o Brasil é o segundo país com maior número de jovens, entre 18 e 24 anos, que não trabalham, nem estudam, ficando atrás apenas da África do Sul. Com isso, diz a notícia, “no relatório da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), 36% dos jovens brasileiros não estudam e estão sem trabalho. ‘Isso os deixa particularmente em risco de distanciamento de longo prazo do mercado de trabalho’”.<sup>18</sup>

Autor de uma matéria que depura os dados trazidos por agências de pesquisas sobre o chamado grupo de jovens “nem-nem”, como o IBGE é José Eustáquio Diniz Alves em matéria para o Instituto Humanitas de 12/12/2023, em que afirma que 1 em cada 4 jovens brasileiros (as) entre 18 e 29 anos não estavam estudando, nem trabalhando. As jovens são maioria entre esses dados, por causa de gravidez na adolescência, e devido à desigual divisão sexual do trabalho que sacrifica mais mulheres do que homens. 40% dos jovens nem-nem são mulheres negras, especialmente aquelas pobres e da periferia das grandes cidades. Para esse autor, “O alto número de jovens nem-nem no Brasil é uma verdadeira tragédia social, pois reflete a falta de oportunidade para os jovens que não estão na escola e no **mercado de trabalho**. Isto acontece na sua grande maioria entre a população pobre e contribui para reforçar ainda mais os níveis de pobreza, pois sem a inserção no mundo do trabalho e sem níveis educacionais adequados estes jovens dificilmente conseguirão apresentar uma mobilidade social ascendente”. (grifo no original)<sup>19</sup>

<sup>17</sup> IBGE 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38542-um-em-cada-cinco-brasileiros-com-15-a-29-anos-nao-estudava-e-nem-estava-ocupado-em-2022>. Acesso em 05/05/2024.

<sup>18</sup> De 37 países, Brasil é o 2º com maior proporção de jovens nem-nem. Revista Exame, 22/07/2023. Disponível em: <https://exame.com/brasil/de-37-paises-brasil-e-o-2o-com-maior-proporcao-de-jovens-nem-nem/>. Acesso em 05/05/2024.

<sup>19</sup> ALVES, José Eustáquio Diniz. O Brasil tem mais jovens nem-nem do que toda a população de Portugal. Instituto Humanitas Unisinos. 12/12/2023. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/635101-o-brasil-tem-mais-jovens-nem-nem-do-que-toda-a-populacao-de-portugal-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves>. Acesso em 05/05/2023.





Sobre hábitos saudáveis de vida, como prática de atividade física, Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - PeNSE, realizada em 2019<sup>20</sup>, mostrou que 28,1% dos estudantes brasileiros de 13 a 17 anos de idade são fisicamente ativos, sendo que desses, 38,5% eram do sexo masculino e 18,0%, do sexo feminino. 61,8% dos alunos foram classificados como insuficientemente ativos e 8,7% como inativos. Em 2019, 53,1% dos escolares de 13 a 17 anos tinham o hábito de permanecer sentados por mais de três horas diárias, dedicando esse tempo à exposição a diversos tipos de telas (televisão, videogame, tablet, computador, celular etc.).

Outro dado interessante que a PeNSE trouxe é quanto ao *bullying*, “12,0% dos estudantes brasileiros de 13 a 17 anos revelaram ter praticado algum tipo de *bullying* na escola e 23,0% afirmaram que, por duas ou mais vezes, se sentiram ofendidos ou humilhados pelos colegas, nos 30 dias anteriores à pesquisa. Os três principais motivos das provocações dos colegas foram: a aparência do corpo (16,5%), aparência do rosto (11,6%) e cor ou raça (4,6%)”.

Sobre a iniciação sexual, a PeNSE, “indicou que 35,4% dos estudantes de 13 a 17 anos já tiveram relação sexual alguma vez na vida. A análise por sexo mostrou que 39,9% dos meninos dessa faixa etária já tiveram relação sexual ao menos uma vez, enquanto entre as meninas esse percentual foi de 31,0%”. E sobre se receberam ou não orientação sobre a sexualidade, “82,1% dos estudantes desta mesma faixa etária disseram ter recebido informações sobre doenças sexualmente transmissíveis e HIV/Aids na escola; 67,6% informaram receber, na escola, orientações de como adquirir preservativos gratuitos; e 75,5% dos estudantes disseram receber informações na escola sobre a prevenção de gravidez”.

Quanto ao uso de drogas, a PeNSE revelou que, “63,3% dos escolares entrevistados de 13 a 17 anos de idade já experimentaram bebida alcoólica alguma vez na vida; destes, 34,6% tomaram a primeira dose com menos de 14 anos; 28,1% dos estudantes desta faixa de idade ingeriram bebida alcoólica nos últimos 30 dias anteriores à pesquisa; e 13% dos estudantes haviam

---

<sup>20</sup> Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PeNSE. Os dados apresentados neste especial se referem às respostas dos escolares de 13 a 17 anos de idade, frequentando do 7º ao 9º ano do ensino fundamental (antigas 6ª e 8ª séries) e da 1ª a 3ª séries do Ensino Médio, de escolas públicas e privadas. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21457-a-saude-dos-adolescentes.html>. Acesso em 05/05/2024.





experimentado algum tipo de droga ilícita, como maconha, cocaína, crack e ecstasy”.

Um dado alarmante sobre a violência sexual, a PeNSE 2019, trouxe que, “14,6% dos estudantes de 13 a 17 anos já sofreram algum tipo de violência sexual na vida. (...) A maioria das pessoas que reportaram esse tipo de problema foram as meninas (20,1%); o que representa mais do que o dobro do número de meninos que se queixaram do mesmo tipo de violência (9,0%)”.

Em relação ao exercício da cidadania, segundo uma pesquisa apresentada em matéria do jornal Brasil de Fato, de 15/06/2022, no ano de 2022, o país ganhou mais de dois milhões de novos eleitores entre 16 e 18 anos, mas, “há dificuldade em atrair a juventude para a participação política que vai além do voto”, diz Jaqueline Deister que assinou a matéria. Ela trouxe uma pesquisa coordenada pelo Observatório da Juventude na Ibero-América (OJI) e realizada em parceria com pesquisadores de três universidades públicas sediadas no Rio de Janeiro: a Universidade Federal Fluminense (UFF), a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio) e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), denominada “Juventudes no Brasil 2021”, segundo a qual, entre outras coisas, “as instituições que menos contam com a confiança dos jovens brasileiros são os partidos políticos (82%), o Congresso Nacional (80%), o governo (69%) e a presidência da República (63%)”<sup>21</sup>.

## 2. JUVENTUDE E INDÍGENA: UM DESTAQUE NECESSÁRIO

O campo da juventude indígena<sup>22</sup> tem uma importância fundamental no alargamento da compreensão da vida e do tema da defesa ecológica. Isso porque quem faz a história são os movimentos sociais de base e não os levantes circunstanciais e isolados. É preciso criar narrativas de continuidade que quebrem a lógica das narrativas vigentes e prosperem rumo ao futuro. Não é possível superarmos os limites do pensamento tencionado em grandes extremos sem contar com o apoio da juventude, envolvida no processo. É, no

<sup>21</sup> DEISTER, Jaqueline. Cresce o número de jovens eleitores, mas eles têm pouco interesse pela política além do voto. Brasil de Fato, 15/06/2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/06/15/cresce-o-numero-de-jovens-eleitores-mas-eles-tem-pouco-interesse-pela-politica-alem-do-voto>. Acesso em: 05/05/2024.

<sup>22</sup> Segundo o censo de 2022, a população de jovens indígenas é de 905,8 mil de um total de 1,694 milhões de indígenas no Brasil. Isso significa que 56,1% do total da população indígena que é formada por jovens.





mínimo, impactante a dificuldade dos movimentos sociais em conseguir adesão da juventude, em conseguir que seu quadro se renove. Enquanto isso, testemunhamos em diferentes setores, inclusive na política, a manutenção das mesmas figuras. Em 2007, no Estádio do Pacaembu, o Papa Bento XVI disse aos jovens: “o jovem não tem medo do desafio, tem medo da vida sem sentido”. Basta ir a um Acampamento Terra Livre (ATL), em Brasília, no mês de abril, para ver que a metade dos representantes dos povos indígenas que participa é composta por jovens. Não estão ali para passear, mas com ação crucial na organização de tudo.

Existe também uma rede de comunicação indígena (auto gestada e gerida), inspirada no Mídia Ninja, chamada de Mídia Índia<sup>23</sup>, que tem dado formação a jovens indígenas para que se tornem comunicadores sociais em seus territórios. Como efeito, observa-se o surgimento de vários *influencers* indígenas defendendo seus modos de vida, suas culturas, narrando suas cosmovisões e denunciando o que precisa ser denunciado. Eles acreditam no modo de vida dos seus antepassados, o modo como seus pais vivem, e querem vivê-lo. Para isso, contudo, precisam da terra, da floresta de pé, da água dos rios limpa. E reivindicam isso como podem, sempre com arte, dança, música, pintura... É impressionante, por exemplo, a influência que artistas, como o DJ Alok<sup>24</sup>, possuem sobre essas juventudes, participando de sua vida, colhendo sons e produzindo arte com eles; apontando um modelo alternativo de ser no mundo.

No contexto amazônico, pensando a pauta das urgências climáticas, os jovens indígenas organizam grupos que pautam a incidência política, participam das COPs... Lembremos, por exemplo, a fala da Txai Suruí na COP26<sup>25</sup>. Deve-se ressaltar também o protagonismo das jovens mulheres indígenas em todo esse processo. Duas mulheres indígenas eleitas para o

<sup>23</sup> BITENCOURT, Mariana. Mídia Índia: o futuro é através da comunicação. Mídia Ninja. 15/10/2017. Disponível em: <https://midianinja.org/news/midia-india-o-futuro-e-atraves-da-comunicacao/>. Acesso em 08/05/2024.

<sup>24</sup> NADER, Vinícius. Alok encanta público da Esplanada tocando ao lado de povos indígenas em comemoração aos 64 anos de Brasília. **Agência Brasília**. 21/04/2024. Disponível em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2024/04/21/alok-encanta-publico-da-esplanada-tocando-ao-lado-de-povos-indigenas-em-comemoracao-aos-64-anos-de-brasilia/>. Acesso em 08/05/2024.

<sup>25</sup> WWF. Txai Suruí, jovem indígena brasileira, acaba de discursar na abertura da COP26. 01/11/2021. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/?80429/Txai-Surui-jovem-indigena-brasileira-acaba-de-discursar-na-abertura-da-COP26>. Acesso em: 08/05/2024.





Congresso Nacional podem ser um indicativo disso. Quanto à Txai, seu avô, Almir Suruí, foi assassinado em Rondônia na década de 1980. Seu pai é o atual cacique, mas é a voz dela – que estudou inglês para isso – e não a dele, que é ouvida. A par disso, há uma série de outros coletivos de jovens que se organizam para enfrentar a catástrofe climática em contexto amazônico<sup>26</sup>. São, nesse sentido, uma força muito importante, já que, conforme dados do Atlas das Juventudes, apenas 24% dos jovens brasileiros em geral indicam o meio ambiente e a sustentabilidade como um tema relevante a ser discutido pela sociedade, um patamar equivalente ao debate sobre educação e futuro profissional (25%) e o racismo (25%)<sup>27</sup>.

### 3. JUVENTUDE NA VIDA ECONÔMICA: O MERCADO E TRABALHO

Assim como ocorre com todo o mercado de trabalho no Brasil, a inserção dos jovens neste mercado também se dá de forma desigual, seja pelas diferentes proporções de pessoas que conseguem participar do mercado de trabalho formal, de acordo com a faixa etária a que ela pertence, seja por seus diferentes graus de instrução ou mesmo devido às condições de gênero e raça. Dados do Ministério do Trabalho<sup>28</sup> e do IBGE<sup>29</sup> permitem observar essas desigualdades e seu agravamento ao longo dos últimos anos, em que se evidencia a redução da participação relativa de jovens no mercado de trabalho formal, conforme pode ser apresentado no Gráfico 1.

<sup>26</sup> MOTA, Pedro. Movimento de juventudes amazônidas no enfrentamento da crise climática no norte do Brasil. **Observatório das Favelas**. 30/06/2023. Disponível em: <https://observatoriodefavelas.org.br/movimento-de-juventudes-amazonidas-no-enfrentamento-da-crise-climatica-no-norte-do-brasil/>. Acesso em 08/05/2024.

<sup>27</sup> *Op. Cit.*, 2021.

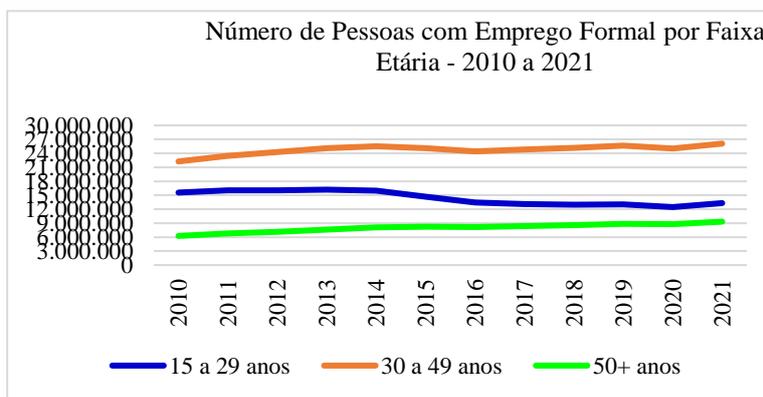
<sup>28</sup> Relação Anual de Informações Sociais – RAIS. <http://pdet.mte.gov.br/> Acesso em 08/05/2024.

<sup>29</sup> Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD Contínua. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html>. Acesso em 08/05/2024.





**Gráfico 1: Número de Pessoas com Emprego Formal por Faixa Etária  
2020 / 2021**



Fonte: Ministério do Trabalho (RAIS)

No período de 2010 a 2021, a participação do total de jovens (15 a 29 anos) no mercado de trabalho formal reduziu-se em 14,4%. Mesmo dentro desta faixa etária, a desigualdade se faz presente, pois a queda é muito maior entre aqueles com idades mais baixas. O número de trabalhadores formais com idade entre 15 e 17 anos reduziu-se em 34,5%, já a queda entre aqueles com idade de 18 a 24 anos foi bem menor, atingindo 14,4% e uma queda um pouco menor, de 13,1% para os jovens com idade mais elevada, de 25 a 29 anos.

Este quadro é agravado pelo fato de que no mesmo período, o número de trabalhadores com 30 anos ou mais aumentou, em especial aqueles com 50 ou mais anos de idade (Gráfico 1), fazendo com que a participação dos jovens com emprego formal no total deste tipo de emprego tenha caído de 35,3% para 27,3%, o que, de certa forma, reflete a precarização das relações de trabalho, observada no país, especialmente para os mais jovens.

No que diz respeito aos salários médios recebidos, as desigualdades também estão presentes, seja relativamente ao gênero ou por nível de escolaridade: os homens ganham mais que as mulheres e quanto menor a formação, menor é o salário. Homens jovens ganham, em média, R\$ 1.617,90, enquanto mulheres ganham em média R\$ 1.486,18; uma diferença de 9%. Na faixa etária entre 15 e 17 anos, o salário médio é de R\$ 860,61, subindo para R\$ 1.571,47 na faixa seguinte, entre 18 e 24 anos, e para R\$ 2.224,04 na última faixa, de 25 a 29 anos. Em todos estes estratos as mulheres ganham menos que os homens.





Em certa medida, ao mesmo tempo em que cria condições para inserção de jovens ao mercado de trabalho, programas desenvolvidos para atender a Lei 10.097, de 2000, conhecida como Lei da Aprendizagem ou Lei do Jovem Aprendiz, que contavam com mais de 517 mil contratos ativos, em 2022<sup>30</sup>, também são determinantes da baixa remuneração média percebida pelo estrato de 15 a 17 anos, haja vista que, segundo dados oficiais do CAGED/MTE, um jovem aprendiz ganha em média R\$ 723,14 para uma jornada de trabalho de 24 horas semanais, assegurando que parte das horas trabalhadas deve ser destinada a atividades de aprendizagem. No entanto, ainda segundo o CAGED/MTE, o perfil médio de um jovem aprendiz no Brasil é o de um trabalhador de 17 anos, com ensino médio incompleto/completo, que trabalha 24h semanais ganhando R\$ 711,88<sup>31</sup>.

Por outro lado, as características das atividades econômicas nas quais os jovens têm maior participação explicam boa parte das diferenças salariais por faixa etária. Conforme pode ser notado no Gráfico 2, os jovens estão mais presentes em atividades de baixo valor adicionado e de baixa intensidade tecnológica, como no comércio, por exemplo. Atividades com esse perfil não exigem elevada especialização da mão-de-obra empregada, podendo pagar salários menores, inclusive por não precisar e, ao mesmo tempo, ter disponível maior quantidade de trabalhadores sem qualificações específicas dispostos a aceitar remunerações mais baixas.

As principais razões pelas quais os empregos aos mais jovens são oferecidos proporcionalmente mais pelos setores com as características mencionadas parecem se ligar a dois fatores: a inserção de inteligência artificial na atividade econômica e a situação social dos jovens, em especial os “nem-nem” (nem trabalham, nem estudam), expressão usada pela primeira vez pelo governo britânico e posteriormente difundida por todo o planeta. Identifica a geração mais jovem, em idade de trabalhar e estudar, com faixas etárias que variam de país a país, segundo suas particularidades demográficas e sociais.

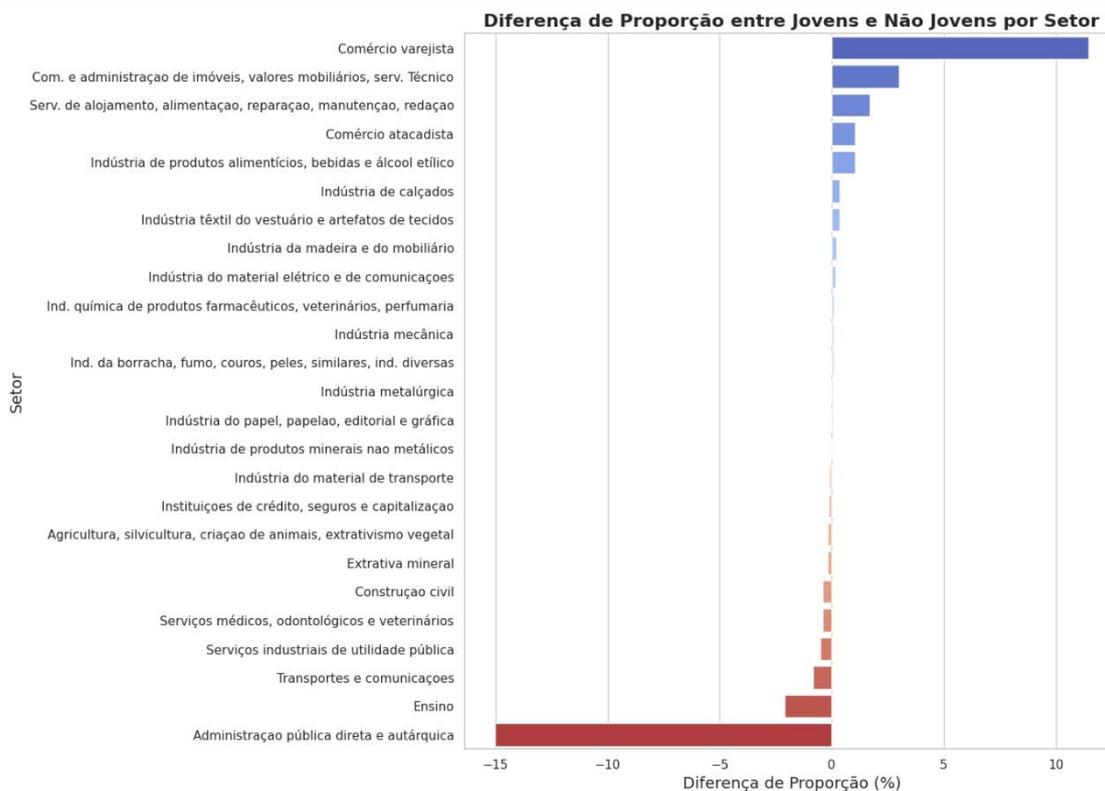
---

<sup>30</sup> FACHINI, Tiago. **Lei da Aprendizagem: Tudo sobre a Lei 10.907/00**. PROJURIS. Disponível em: <https://www.projuris.com.br/blog/lei-da-aprendizagem/>. Acesso em 08/05/2024.

<sup>31</sup> Salário Jovem Aprendiz. Tabela Cargos e Salários do Aprendiz. Disponível em: <https://www.salario.com.br/tabela-salarial/aprendiz/>. Acesso em: 08/05/2024.



## Gráfico 2: Atividades Econômicas entre Jovens e Adultos – 2021



Fonte: Ministério do Trabalho (RAIS)

Para Michel Desmurget, diretor do Instituto Nacional de Saúde da França, para atuar com inteligência artificial, há uma enorme exigência para o capital humano: a extensão vocabular. Segundo ele, a inteligência artificial é a primeira tecnologia que está sendo absorvida melhor por pessoas mais velhas do que pelos jovens; sendo que até então era ao contrário. Inclusive, é a primeira vez que filhos tem QI inferior aos pais<sup>32</sup>. Ainda segundo o pesquisador, o problema está na baixa extensão vocabular dos jovens, principalmente pela ausência de leitura nas escolas e em casa. Hoje, um jovem tem 40% menos de extensão vocabular do que um jovem do ensino médio americano na década de 1950<sup>33</sup>.

<sup>32</sup> VELASCO, Irene Hernández. 'Geração Digital': por que, pela 1.ª vez, filhos têm QI inferior ao dos pais. BBC News Mundo. 30/10/2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-54736513> Acesso em 08/05/2024.

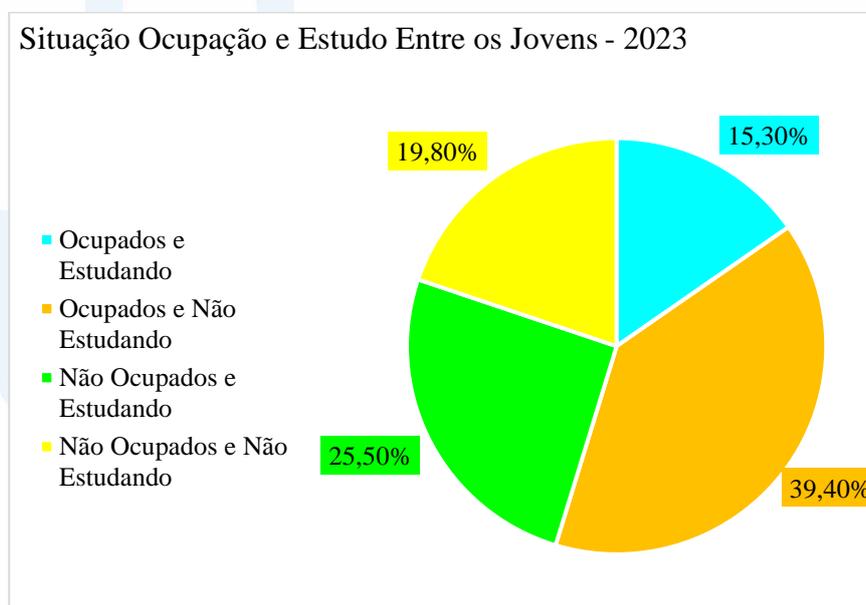
<sup>33</sup> <https://walterlongo.com.br/artigos/>





Segundo o IBGE, com dados da PNAD Contínua<sup>34</sup>, das 48,5 milhões de pessoas entre 15 e 29 anos, 9,6 milhões se enquadravam como “nem-nem” em 2023, perfazendo 19,8% da população desta faixa etária (Gráfico 3).<sup>35</sup> “Nem-nem” deriva do termo inglês “NEET”, “not in education, employment, or training”, em livre tradução, ou seja, aquele que se encontra: “fora da educação, sem emprego e sem formação profissional”.

### Gráfico 3: Situação Ocupação e Estudo Entre os Jovens – 2023



Fonte: IBGE (PNAD Contínua)

Segundo estudo da OCDE<sup>36</sup>, de 37 países o Brasil ocupa a 2ª colocação com maior proporção de jovens “nem-nem”. Para a organização, esta situação amplia ainda mais o risco de distanciamento destes jovens do mercado de trabalho, no longo prazo. No Brasil, segundo a OCDE este cenário é agravado porque a maioria destes jovens pertencem às classes mais pobres,

<sup>34</sup> PNAD Contínua. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html> Acesso em 08/05/2024.

<sup>35</sup> SOUZA, Ludmila. De 37 países, Brasil é o <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-07/de-37-paises-brasil-2-com-maior-proporcao-de%20jovens-nem-nem>

<sup>36</sup> <https://osblimeira.org.br/ocde-coloca-o-brasil-no-2o-lugar-de-ranking-de-jovens-que-nao-estudam-nem-trabalham-os-nem-nem/>





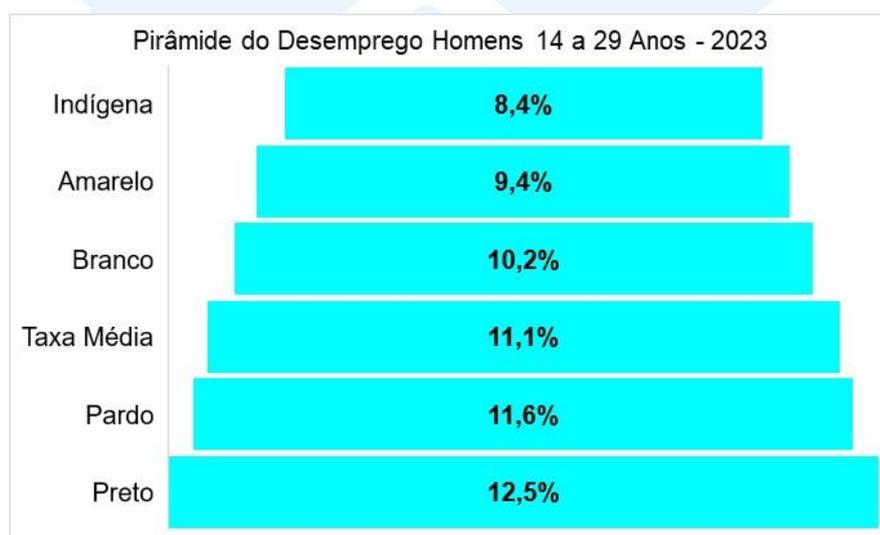
ou seja, tem origem socioeconômica mais vulnerável. Neste grupo, assim como ocorre em todos os estratos da sociedade brasileira, segundo o relatório, as mulheres e os negros são maioria: 60% são mulheres, a maioria com filhos pequenos, e 68% são negros<sup>8</sup>.

Por questões culturais, as mulheres tendem a abandonar a escola e o mercado de trabalho para exercer atividades domésticas, cuidar de filhos, cuidar de idosos ou familiares. No entanto, é importante salientar que muitos destes jovens não aparecem nas estatísticas de emprego e desemprego, sendo classificados como desalentados, ou seja, desistiram de buscar uma ocupação.

Mas, mesmo assim, o desemprego na faixa etária de 14 a 29 anos é maior que a taxa média do país. A taxa de desocupação total foi de 7,4% no quarto trimestre de 2023 (PNADc), no entanto, para o estrato de 14 a 29 anos ela atingiu 13,1%, quase o dobro da média nacional.

A partir da PNAD Contínua, também é possível extrair as taxas de desocupação para as pessoas de 14 a 29 anos segundo gênero e raça, conforme as figuras a seguir (Pirâmide do Desemprego):

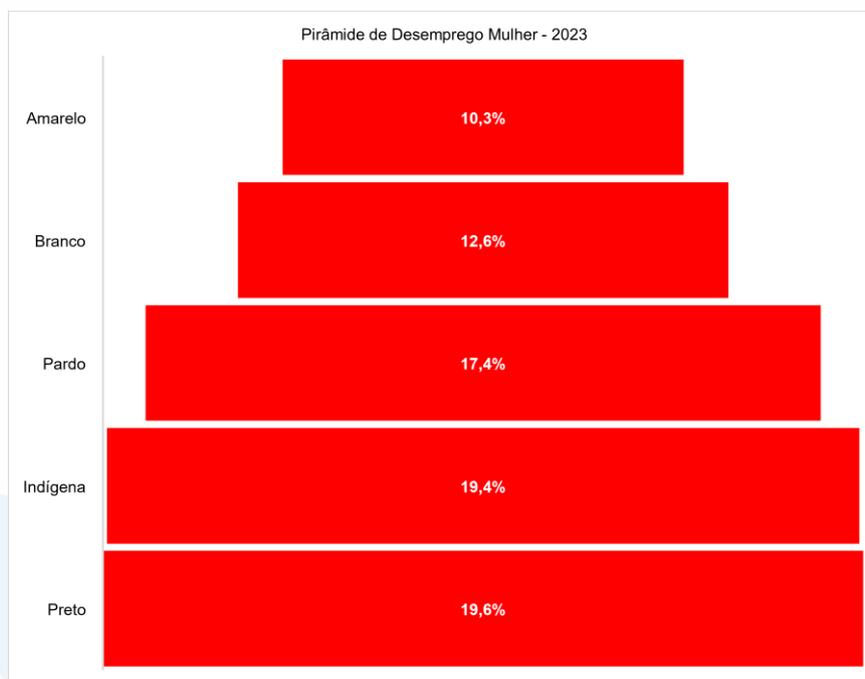
**Figura 1 – Pirâmide do Desemprego (homens)**



Fonte: IBGE (PNAD Contínua)



**Figura 2 – Pirâmide do Desemprego (mulheres)**



Fonte: IBGE (PNAD Contínua)

Como já mencionado, a taxa de desocupação para pessoas de 14 a 29 anos foi de 13,1%, mas segundo o gênero, para os homens ela foi de 11,1% e para as mulheres 17,4%. Pretos e pardos de ambos os gêneros enfrentam taxas de desocupação mais elevadas, sendo sempre muito mais intensa entre as mulheres (pretas 19,6% e pardas 17,4%). Além disso, os dados chamam atenção para as extremas diferenças entre as jovens mulheres indígenas, das quais 19,4% não encontraram emprego em 2023 e os jovens homens indígenas, com taxa de desemprego de 8,4%, a menor taxa entre todas as raças.

Também pode ser observado outro fato novo no mercado de trabalho dos jovens: há mais oferta de empregos e estágios que demanda. Segundo instituições de recursos humanos, além da baixa qualificação do capital humano na faixa etária de jovens, há um desinteresse em entrar no mercado de trabalho (“nem nem”). A inserção dos jovens no mercado de trabalho se tornou um problema social, e não apenas de ordem econômica. Os reflexos desta situação são inúmeros: desde a desestabilização das contas da





Previdência (INSS), até a queda na produtividade que compromete o crescimento econômico no longo prazo, bem como a maior frequência de “apagões” de capital humano na economia.

#### 4. JUVENTUDE E MUDANÇAS NA PARTICIPAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA

As mudanças na participação social e política da juventude brasileira podem ser percebidas a partir da pesquisa “Perfil da Juventude da PUC-Rio”, realizada nos anos de 2006 e 2018, como resultado da parceria do Departamento de Teologia e do Departamento de Ciências Sociais da própria universidade.<sup>37</sup>

A Tabela 1 revela, para o ano de 2006, que as quatro atividades que mais mobilizavam os estudantes universitários eram movimentos/grupos religiosos (15,7% das respostas encontradas), aquelas ligadas a associações de bairro ou de âmbito comunitário (9,1%), movimentos sociais relacionados com a causa ambiental (5,5%), e movimentos sociais muito ativos no espaço público, como MST, MTST, movimento negro ou movimento LGBT (5,2%). Existem algumas mudanças em 2018. Uma delas é diminuição da atenção dada aos movimentos/grupos religiosos (5,5%). Em compensação, aumentou significativamente o envolvimento do corpo discente com os movimentos sociais vinculados aos direitos humanos (11,2%), e com aqueles ligados a luta pela moradia, pela terra, e pelos direitos dos negros e dos integrantes do movimento LGBT (11,0%). Em 2018, o associativismo comunitário continuou mobilizando o alunato (10,1%), como acontecia na pesquisa anterior (9,1%).

<sup>37</sup> Ver PEDROSA-PÀDUA, Lucia e MELLO, Zeca de (orgs.). **Juventude, religião e ética: reflexões teológico-práticas sobre a pesquisa “Perfil da juventude na PUC-Rio”**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2010. GONZAGA, Waldecir; CHAVES, Alexandre Souza; ISMAEL, Ricardo (orgs.). **Perfil da Juventude na PUC-Rio. Reflexões sobre os impactos da pesquisa de 2018**. Rio de Janeiro, Ed. PUC0-Rio, 2020.





**Tabela 1 - Participação Social e Política dos Estudantes de Graduação da PUC-Rio (\*)**

<b>Estudantes de Graduação da PUC-Rio</b>		
<b>Participação em Atividades</b>	<b>2006</b>	<b>2018</b>
Comunitária (associações de bairro, centro comunitário, mutirão)	9,1%	10,1%
Movimento sociais (MST, MTST, Movimento Negro, LGBT)	5,2%	11,0%
Movimento vinculados aos direitos Humanos	3,4%	11,2%
Movimento de Causa Ambiental	5,5%	6,9%
Movimentos / grupos religiosos	15,7%	5,4%
Política Partidária	1,8%	3,1%
Sindicato / Associação Profissional	2,0%	0,7%

Fonte: Pesquisa sobre perfil dos estudantes de graduação da PUC-Rio em 2006 e 2018; (\*) Pergunta do questionário de pesquisa: Você costuma participar de algumas dessas atividades, associação, organização e/ou movimento social (múltiplas respostas)?

Na enquete mais recente aumentou a participação estudantil em movimentos sociais vinculados a causa ambiental. Em 2018 esta alternativa foi citada por 6,9% dos respondentes, enquanto em 2006 o número alcançado chegou a 5,5%. Por outro lado, o envolvimento com política partidária permaneceu muito baixo em 2018 (3,1%), embora tenha sido registrado um crescimento. Não seria difícil concluir que os estudantes de graduação da PUC-Rio possuem maior inclinação para os movimentos sociais, em comparação com os partidos políticos. Isso não significa que não se interessem por política. Mas que optam por fazer política de uma forma distinta daqueles que priorizam a vida partidária, a disputa por cargos eletivos, e a participação nos governos ou nas assessorias parlamentares.

Ainda com relação aos números da Tabela 1, os resultados da pesquisa de 2018 estão em sintonia com a posição do público presente nas "Manifestações de Junho de 2013", que, na sua ampla maioria, não se





identificava com os partidos políticos brasileiros.<sup>38</sup> Para os jovens universitários da PUC-Rio, os movimentos sociais são mais atrativos, provavelmente por se tratar de organizações menos hierarquizadas, na qual os participantes se sentem minimamente prestigiados, e que permitem diferentes tipos de envolvimento.

Seria importante, porém, ressaltar um efeito negativo na tendência de opção pelos movimentos sociais em detrimento dos partidos políticos. O Estado do Rio de Janeiro, e de certa forma o Brasil, passa por uma crise no processo de renovação de lideranças políticas. Mudanças nas agremiações partidárias e na lista de candidatos nas eleições para os Poderes Executivo e Legislativo estadual e municipal, depende, em boa medida, do interesse da juventude universitária em se filiar a um partido político e, se houver vocação, disputar o voto popular.

A Tabela 2 apresenta dados da participação do corpo discente nas entidades estudantis localizadas na PUC-Rio. Esta é uma questão nova, aparecendo pela primeira vez, de forma específica, na investigação de 2018. Observa-se que 85,3% dos estudantes consultados assinalaram a alternativa “não participa”, de modo que os demais, 14,7% da amostra, participam de uma ou mais das organizações abertas ao alunato da universidade. Entre os que dizem se envolver com as instituições de representação dos estudantes, sujeitas a eleições regulares, ganham destaque o “Centro Acadêmico do Curso”, sendo citado em 8,1% das respostas, bem à frente do Diretório Central dos Estudantes, com 2,5% das respostas. Isto pode significar que o centro acadêmico está mais próximo do corpo discente, no cotidiano do mundo universitário.

---

<sup>38</sup> Ver G1. Veja pesquisa completa do Ibope sobre os manifestantes. G1, 24 jun. 2013. Disponível em [http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/veja-integra-da-pesquisa-do-ibope-sobre-os-](http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/veja-integra-da-pesquisa-do-ibope-sobre-os-manifestantes.html) -manifestantes.html. Acesso em 4 set. 2020.





**Tabela 2 – Participação dos Estudantes de Graduação da PUC-Rio nas Entidades Estudantis, em 2018 (\*)**

<b>Estudantes de Graduação da PUC-Rio</b>	
<b>Entidades Estudantis</b>	<b>2018</b>
Não Participa	85,3%
Diretório Central dos Estudantes	2,5%
Centro Acadêmico do Curso	8,1%
Coletivos de Estudantes (Nuvem Negra, Madame Satã, de Mulheres, Bastardos da PUC, Mulheres, entre outros)	5,2%
Pastoral Universitária	2,4%
Pré-vestibular PUC-Rio	1,2%

Fonte: Pesquisa sobre perfil dos estudantes de graduação da PUC-Rio em 2018; (\*) Pergunta do questionário de pesquisa: Você costuma participar de alguma dessas entidades estudantis (múltiplas respostas)?

A experiência dos Coletivos de Estudantes na PUC-Rio é relativamente recente, surgindo no período entre as pesquisas de 2006 e 2018. Verifica-se que estão em processo de consolidação, aspecto sempre desafiador face ao tempo de permanência limitado dos estudantes de graduação. De qualquer forma, este caminho de participação foi citado por 5,2% dos que responderam ao questionário, aproximadamente um terço dos que possuem algum vínculo com entidades estudantis. É importante destacar que o Coletivo Nuvem Negra reúne os estudantes negros, o Coletivo Madame Satã mobiliza pessoas identificadas com o movimento LGBT e o Coletivo Bastardos da PUC congrega estudantes bolsistas.

Uma outra pesquisa que trabalha com dados agregados sobre a juventude brasileira deve ser aqui citada. Ela aborda o exercício da cidadania no âmbito do ensino médio na cidade do Rio de Janeiro (escolas públicas e particulares) nos anos 2000, cuja coordenação ficou sob a responsabilidade da professora Angela Randolpho Paiva, do Departamento de Ciências Sociais





da PUC-Rio<sup>39</sup>. Dois aspectos dos resultados merecem ser registrados. Com relação a confiança na democracia, para 36,2% dos estudantes entrevistados das escolas públicas a democracia é “o melhor regime para se viver em uma sociedade”. Entretanto, chama atenção o fato de que para 35,2% dos mesmos alunos a democracia é “bom para país desenvolvido, pois precisamos de um governo mais forte”. Nas escolas particulares o apoio a democracia é bem maior, passando de 65% a opção pela alternativa que diz se tratar de melhor regime político.

Um outro aspecto que deve ser sublinhado trata dos vínculos dos jovens do ensino médio com um projeto de vida no Brasil. Sobre a pergunta “Se tivesse a oportunidade, gostaria de viver em outro país”, com relação aos estudantes das escolas públicas, 50,7% deles optaram pela alternativa “definitivamente” e outros 44,6% escolheram “temporariamente para estudo ou trabalho”. Os números para os alunos de escolas particulares são menos preocupantes, 30,6% deles se identificaram com a opção por uma emigração definitiva e outros 62,2% por um afastamento temporário.

As duas pesquisas discutidas, envolvendo o público universitário e do ensino médio, revelam mudanças significativas entre as gerações no Brasil. O que torna o tema juventude, ou juventudes, obrigatório na agenda de pesquisa do mundo acadêmico e no processo decisório governamental.

## 5. JUVENTUDE E POLÍTICAS PÚBLICAS NO BRASIL

A juventude, ao longo de século XX, no Brasil, foi alvo de várias políticas públicas, nem sempre eficientes e suficientes para atender a uma demanda que muda constantemente e que nunca é atingida em suas entranhas. São, quase sempre, políticas públicas sem continuidade, e, sobretudo, sem dar voz aos sujeitos que quer atingir.

De acordo com Silva e Silva<sup>40</sup>, podemos considerar que o Código de Menores, “sancionado em 12 de outubro de 1927, pelo Decreto nº 17 943, como o marco legal que deu início à ação do Estado em políticas para a

<sup>39</sup> Ver PAIVA, Angela Randolpho (org.) **Juventude, cultura cívica e cidadania**. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

<sup>40</sup> SILVA, Roselani Sodr e da e SILVA, Vini Rabassa da. Política Nacional da Juventude: trajetória e desafios. **Caderno CRH**, Salvador, v.24, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/QHfYfV7nPgqJZwV7KTSjqBs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 28/04/2024.





juventude. Sob a inspiração desse Código, foram criados, em 1941, o Serviço de Assistência ao Menor (SAM) e, em 1964, a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM), responsável pela Política Nacional de Bem-Estar do Menor (PNBEM). A concepção político-social implícita nessa lei era de um instrumento de controle social da infância e da adolescência, vítima de omissão e transgressão da família, da sociedade e do Estado em seus direitos básicos".

Na verdade, o reconhecimento da necessidade de políticas públicas dirigidas essencialmente para crianças, adolescentes e jovens só se passou a se concretizar no Brasil na década de 1980. Em nível internacional, em 1985 a ONU estabeleceu este como o Ano Internacional da Juventude, reconhecendo esse grupo com suas características e necessidades específicas. Em âmbito de políticas públicas nacionais é importante pontuar que no mesmo ano em que promulgamos nossa Constituição Cidadã, em 1988, tivemos a criação do Programa de Saúde do Adolescente (PROSAD), junto aos Ministério da Saúde, com foco na prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), drogadição, acidentes de trânsito, gravidez precoce e saúde bucal, entre outras.

Em 1989 o país se tornou signatário da Convenção da Organização das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança, comprometendo-se a reconhecer os direitos previstos nessa convenção. A partir de então, vimos florescer uma série de medidas para proteger crianças e jovens, culminando, em 1990, com a Lei 8069 de 13/07/1990, que criou o Estatuto da Criança e do Adolescente, o ECA, que prevê o tratamento social e legal dirigido às crianças e adolescentes brasileiras. De acordo com esse estatuto, criança é a pessoa na faixa etária até 11 anos e adolescente os de 12 a 18 anos incompletos.

Em 1999 foi criado o Programa Brasil Jovem, iniciativa do Ministério da Assistência e Previdência Social, dirigido a jovens entre 14 e 25 anos em situação de vulnerabilidade social. Neste mesmo ano o Cendhec – Centro Dom Helder Câmara de Estudos e Ação Social, do Recife-PE, lançou a publicação “Sistema de Garantias de Direitos: Um caminho para a proteção integral”<sup>41</sup>. A importância dessa obra foi a expressão “Sistema de Garantia de Direitos”, descrito por Wanderlino Nogueira Neto, na época, Procurador Geral da Justiça e consultor da Organização das Nações Unidas - ONU, sendo

<sup>41</sup> CENDHEC. **SISTEMA DE GARANTIAS DE DIREITOS: Um caminho para a Proteção Integral.** Cendhec. Recife. 1999. 392p.





amplamente desenvolvida pela equipe da instituição e acolhida pelo Conselho Nacional dos Direitos da Criança - CONANDA, como balizadora da II Conferência Nacional dos Direitos da Criança, em 1997. A referida publicação tomou como referência a prática institucional de realizar formações na área dos Direitos da Criança e do Adolescente, para agentes públicos e profissionais que atuavam em órgãos públicos, desenvolvendo programas e serviços ligados à saúde, educação, assistência social, segurança pública, nos conselhos de Direitos e nos Conselhos tutelares, além de policiais civis e militares. As formações também atendem ao público de educadores populares, agentes comunitários de saúde, dentre outros.

Em 2003, a Comissão Especial de Políticas Públicas de Juventude foi cunhada pelo Congresso Nacional para acompanhar e estudar propostas de políticas públicas para a juventude. Em 2004, foi produzido o Plano Nacional da Juventude (PNJ) e medidas para beneficiar jovens entre 15 e 29 anos.<sup>42</sup> No mesmo ano, foi criada a Secretaria Nacional da Juventude (SNJ) para fazer um diagnóstico da juventude brasileira e dos programas do governo federal para esse público, esta secretaria foi extinta em 2015.

No ano de 2008, aconteceu a 1.ª Conferência Nacional da Juventude, realizada em Brasília. Ocasão em que foi lançado o 1.º Pacto da Juventude, em 12 de agosto desse ano, data em que se passou a comemorar o Dia Nacional da Juventude. Em 2010, houve a aprovação da PEC da Juventude, Emenda Constitucional n.º 65, que inseriu o termo “jovem” no capítulo de Direitos e Garantias Fundamentais da Constituição Federal de 1988. No mesmo ano o Brasil passou a fazer parte da Organização Ibero-americana de Juventude (OIJ).

Nos últimos dez anos as políticas públicas para a juventude no país têm sido precarizadas. Conforme Castro, Oliveira e Rico (2022)<sup>43</sup>, entre 2016 e 2022 tivemos um desmonte das políticas públicas voltadas para a juventude no Brasil, já que houve suspensão e/ou redução de recursos para esse fim. A partir

<sup>42</sup> Em 2005, o Programa Nacional de Inclusão de Jovens foi criado para atender uma das dimensões da PNJ, para contemplar os jovens entre 15 e 29 anos que não tinham terminado o Ensino Fundamental.

<sup>43</sup> CASTRO, Elisa Guaraná de, OLIVEIRA, Raphaella Miranda de e RICO, Thiago Cruz. **As políticas públicas para juventude no Brasil – revendo a trajetória recente**. Buenos Aires: CLACSO, 2022. Disponível em: <https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/bitstream/CLACSO/169748/1/Observatorio-en-infancias-y-juventudes-A2-N5.pdf>. Acesso em: 28/04/2024.





de um discurso neoliberal privilegiou-se uma formação baseada no empreendedorismo e formação educacional técnica mais curta e menos crítica, culminando com a Reforma do Ensino Médio. Nesse cenário o Programa Nacional de Combate ao Analfabetismo foi extinto. A própria Reforma Trabalhista acabou por agravar as condições dignas de trabalho no país, especialmente para o público jovem. Em 2018 foi assinado o Brasil Mais Jovem, uma política implementada por meio de 13 ministérios federais. Também foi criado o Sistema Nacional de Juventude (Sinajuve), que prometia ser implantada por meio de uma gestão mais “conectada e interativa”. A partir de 2019, segundo Castro, Oliveira e Rico (2022), “as políticas públicas da juventude passam a estar ainda mais alinhadas com o projeto de formação imediata de mão-de-obra técnica e volátil”, representando uma continuidade do governo anterior. E a transferência da Secretaria Nacional da Juventude (SNJ) para o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, para esses autores, representou a descontinuidade e a instabilidade das políticas pública para a juventude no Brasil.

A literatura é unânime em afirmar que a pandemia de COVID19 foi extremamente prejudicial para a juventude mundial e, sobretudo, a brasileira. A evasão escolar por exemplo, aumentou 5,56% após a pandemia. Há também uma grande evidência do acirramento e da violência contra grupos jovens das periferias no Brasil. No entanto, em março de 2023, foi realizado o Seminário dos Gestores e Gestoras da área da juventude, para planejar novos rumos das políticas públicas para a juventude no país.

Lançado no final do ano de 2023 damos destaque ao Pacto Nacional pela Inclusão Produtiva das Juventudes: Um chamado para a ação, iniciativa da frente das juventudes do Ministério do Trabalho e Emprego, UNICEF e OIT, que visa à, “construção de uma política pública nacional, em parceria com governos, empresas, fundações, institutos e organizações, para promover a Inclusão Produtiva das Juventudes em situação de vulnerabilidade até 2030, através da geração de oportunidades de trabalho e formação profissional”.<sup>44</sup> Ação muito importante diante de um quadro atual de 5,2 milhões de jovens entre 14 e 24 anos desempregados no país.

Diante de um quadro desafiador, considerando que 55% dos jovens fora do mercado de trabalho são mulheres e pessoas pretas e pardas, o Ministério

---

<sup>44</sup> Ver no site: <https://www.pactopelasjuventudes.org/>. Acesso em 28/04/2024.





da Igualdade Racial (MIR), lançou o Plano Juventude Negra Viva (PNJV), programa que envolve outros ministérios, como o da Educação e o dos Direitos Humanos. Segundo o site do MIR, o PNVJ, “busca a redução das vulnerabilidades que afetam a juventude negra brasileira e a violência letal alicerçada no racismo estrutural”.<sup>45</sup>

Outra política pública implantada recentemente é o programa “Pé de Meia”, “um programa de incentivo financeiro-educacional, na modalidade de poupança, destinado a promover a permanência e a conclusão escolar de estudantes matriculados no ensino médio público”.<sup>46</sup>

## 6. JUVENTUDES E A QUESTÃO DO SOFRIMENTO EMOCIONAL

Em nossa época, cada vez mais é difícil precisar os limites entre as diferentes etapas do desenvolvimento psicológico e social, de modo que o mero estabelecimento de estratos quantitativos pode ser insuficiente para essa interpretação. Ao considerarmos a realidade, existe uma fronteira bastante tênue entre o que consideramos “adolescência” e “juventude”, propriamente, inclusive desde o ponto de vista orgânico da maturação biológica, com conseqüente possibilidade de procriação. Ambos esses conceitos devem, então, serem descritos, biologicamente, mas também existencialmente, de modo que dizem respeito a uma série de fenômenos de transição, seja da esfera da corporeidade ou da solidificação de novos vínculos sociais e suas inscrições coletivas, situando-se num “não-lugar” que coloca o desenvolvimento humano sob seu ponto de vista mais ebulitivo, dinâmico e *patológico* (no sentido de *páthos*, do sentir, do sofrer)<sup>47</sup>. Nesse sentido, seja do ponto de vista orgânico, seja sob a dimensão de funcionamento psíquico, é preciso reconhecer que a juventude, com início já na adolescência, está passando por um importante momento de transformações físicas e mentais.

Eis porque não se pode simplesmente submeter essa categoria a uma faixa etária circunscrita a um numeral, mas a uma dinâmica de subjetivação

<sup>45</sup> Ver site: <https://www.gov.br/igualdaderacial/pt-br/assuntos/plano-juventude-negra-viva>. Acesso em 28/04/2024.

<sup>46</sup> Ver site: <https://www.gov.br/mec/pt-br/pe-de-meia>. Acesso em 28/04/2024.

<sup>47</sup> OLIVEIRA, Ruan e MELMAN, Charles. Do que sofrem os adolescentes? Disponível em: <https://porvir.org/do-que-sofrem-os-adolescentes/>. Acesso em: 08/05/2024.





definida como um “período crucial de reorganização identificatória”<sup>48</sup>. A Organização Mundial de Saúde (OMS) define a faixa etária adolescente entre 10 e 19 anos, circunscrevendo por juventude o período dos 15 aos 24 anos<sup>49</sup>. A reflexão aqui proposta, desse modo, se situa numa zona de fronteira que inclui a categoria dos “adultos emergentes”<sup>50</sup>, ponto limítrofe do ser adolescente, tanto para o que a Psicologia do Desenvolvimento considera como “adolescência tardia”<sup>51</sup>, quando para o conceito de “jovem adulto”<sup>52</sup>. Em ambos os casos se concebe que o processo subjetivo não ocorre de forma linear, mas sobreposto, pelo que sempre haverá uma sequela do adolescente no jovem, do jovem no adulto.

Tomando-se a cultura como lócus do sentido, é necessário não deixar silenciar os processos de padecimento que atravessam a cultura juvenil, revelando, assim, narrativas identitárias de fronteira, visando reflexões que nos possam subsidiar na construção preventiva de laços libertadores no terreno conflituoso entre o sujeito adolescente-jovem e o meio institucional de acordo com os marcos da cultura hodierna. Os adolescentes e os jovens estão mais facilmente submetidos às sintomatologias de “passagem ao ato”, que na cultura atual se apresentam como impulsividade, à apropriação do corpo e sua possibilidade de significação do conflito e da angústia.

Em diferentes noticiários, recentemente, reverberou a notícia de que as empresas têm enfrentado dificuldade na contratação de pessoas da chamada “Geração Z”, isto é, os mais jovens, nascidos entre 1995 e 2010. As problemáticas observadas incluem modos de se vestir inadequados,

<sup>48</sup> AYUB, R. C. P.; MACEDO, M. M. A clínica psicanalítica com adolescentes: especificidades de um encontro analítico. **Psicologia: Ciência E Profissão**, 31(3), 582–601, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000300011>. Acesso em: 01 de junho de 2023.

<sup>49</sup> Cf. Ministério da Saúde, Brasil: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-do-adolescente>

<sup>50</sup> MOTA, C. P.; ROCHA, M. Adolescência e jovem adulta: crescimento pessoal, separação-individualização e o jogo das relações. **Psicologia: Teoria E Pesquisa**, 28(3), 357–366, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722012000300011>. Acesso em: 29 de maio de 2023.

<sup>51</sup> Hemocord. Adolescência tardia: transição pode ir até os 24 anos. O que mudou? 25 de maio de 2018. Acesso em: <https://hemocord.com.br/adolescencia-tardia-ate-os-24-anos/#:~:text=Por%20muito%20tempo%2C%20a%20ideia,aumento%20da%20expectativa%20de%20vida>. Acesso em 08/05/2023.

<sup>52</sup> PELLEGRINI, P. G.; SILVA, I. M.; BARRETO, M.; CREPALDI, M. A. *Diferenciação do jovem adulto*. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2015000100010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000100010)





dificuldade de cumprir horários e rotinas e uma grande introspecção<sup>53</sup>. O problema denunciado pelo meio corporativo também é notado em outros ambientes sociais. Mais uma chave para atestarmos nossa percepção sobre a mudança em curso, culminante na crescente proporção de indivíduos que não conseguem responder às demandas legadas pelas gerações anteriores. Entre outros motivos, como diferença mais expressiva dessa nova geração está o acesso a um fluxo contínuo de informações e tecnologias que influenciam diretamente o modo como constroem suas relações no âmbito da família, do trabalho, da religião, entre outros. E essa influência não se aplica apenas ao *estabelecimento de relações*, mas à sua *duração e performance*.

Quando o conflito geracional ocorre sem diálogo, escuta, respeito e, em termos de imposição, crescem as chances de frustrações profundas, ante às quais os mais jovens podem experimentar uma ou várias dimensões da sua vida de maneira sempre paradoxal. Sobre isso investigou o psiquiatra vienense Viktor Frankl<sup>54</sup>, relacionando o vazio existencial que advém da frustração do sentido à sua intensificação nalgumas doenças como a depressão e a dependência de drogas. Em campos como a religião, por exemplo, vemos cada vez mais o movimento da juventude, descolando-se da relação com dogmas e preceitos morais para o plano das relações, sobretudo da acolhida, do contato e do encontro.

Também tem sido recorrente na mídia os diversos atos terroristas nas escolas e locais públicos, tendo como causa, entre outras, o bullying<sup>55</sup>. Tanto a violência auto infligida, como modo de regulação da dor emocional, quanto os casos de suicídio pululam nas redes sociais<sup>56</sup>. Há que se recordar, ainda, modos de encontro dos jovens com o assunto do adoecimento emocional, como a toxicomania, a depressão e a ansiedade com desfechos

<sup>53</sup> PERNA, Mark. Problemas do comportamento prejudicam a Geração Z no mercado de trabalho. **Forbes**. 26/02/2024. Disponível em: <https://forbes.com.br/carreira/2024/02/falta-de-etiqueta-prejudica-geracao-z-no-mercado-de-trabalho/> Acesso em: 08/05/2024.

<sup>54</sup> PEREIRA, Ivo Studart. A vontade de sentido na obra de Viktor Frankl. **USP [online]**. 2007, vol.18, n.1, pp. 125-136. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-51772007000100007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772007000100007) . Acesso em: 08/05/2024.

<sup>55</sup> Jornal O Globo. Relembre outros ataques em escolas no Brasil. 27/03/2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/03/relembre-outros-ataques-em-escolas-no-brasil.ghtml> Acesso em: 08/05/2024.

<sup>56</sup> GANDRA, Alana. Estudo alerta para alta incidência de suicídio na adolescência. Agência Brasil. 29/09/2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2023-09/brasil-registra-1000-suicidios-de-criancas-e-adolescentes-por-ano> Acesso em 08/05/2024.





violentos, a hiper digitalização da vida como vício. Segundo dados da OMS, em média 6% da população jovem brasileira faz uso de algum tipo de droga<sup>57</sup>, de modo que 30 milhões de brasileiros possuem algum caso equivalente em seu núcleo familiar. Dados recentes indicam que se em 2013 o número de jovens, na faixa etária de 18 a 24 anos, diagnosticados com depressão era de 5,6%, o percentual havia aumentado para 11,1% já em 2019<sup>58</sup>, antes da pandemia do *coronavírus*. Em 2023, um estudo do Instituto de Psiquiatria da Universidade de São Paulo indicou que 36% dos jovens brasileiros estavam com algum quadro de ansiedade e/ou depressão<sup>59</sup>. Entre outros fenômenos, como a alcoolização, o Ministério da Saúde do Brasil insiste na questão do sono e sua importância para a manutenção da saúde mental. Curiosamente, também em conta disso, redes sociais como o Instagram aderiu à prática de notificar seus usuários no fim da noite, principalmente adolescentes, incentivando-os a dormir e impedindo-os de continuarem conectados<sup>60</sup>.

A compreensão desses fenômenos da passagem ao ato como violência, seja contra si, ou contra outrem, deve ser dada de forma multifatorial, no modo como estão se construindo as relações familiares instáveis e não duradouras, seus campos afetivos virtuais e não vinculadores, a dimensão social de uma sobrecarga de expectativa sobre as possibilidades de futuro social depositados sobre a juventude, além, notadamente, termos em conta uma cultura juvenil que se expressa pela velocidade tecnológica do consumo de modismos passageiros.

Nesse quadro contextual de tantas transformações – internas, na relação do indivíduo consigo mesmo, e em sua percepção do mundo à sua

<sup>57</sup> PARAZZI, Marcelo. Dependência química: dados apontam 35 milhões de pessoas sofrendo com transtornos. 16/02/2023. Disponível em: <https://www.marceloparazzi.com.br/blog/dependencia-quimica-dados-apontam-35-milhoes-de-pessoas-sofrendo-com-transtornos/>. Acesso em 08/05/2024.

<sup>58</sup> Instituto de Estudos de Políticas de Saúde. Depressão entre jovens de 18 a 24 anos aumentou para 11,1% em 2019, segundo pesquisador do IEPS. 19/07/2022. Disponível em: <https://ieps.org.br/depressao-entre-jovens-de-18-e-24-aumentou-para-111-em-2019-segundo-pesquisador-do-ieps%EF%BF%BC/>. Acesso em 08/05/2024.

<sup>59</sup> Fundação Padre Anchieta. Cerca de 35% de crianças e adolescentes no Brasil sofrem de ansiedade ou depressão devido à pandemia. 01/03/2023. Disponível em: [https://cultura.uol.com.br/noticias/56576\\_cerca-de-35-de-criancas-e-adolescentes-no-brasil-sofrem-de-ansiedade-ou-depressao-devido-pandemia.html](https://cultura.uol.com.br/noticias/56576_cerca-de-35-de-criancas-e-adolescentes-no-brasil-sofrem-de-ansiedade-ou-depressao-devido-pandemia.html). Acesso em: 08/05/2024.

<sup>60</sup> TUNHOLI, Murilo. Instagram passa a impedir uso do app à noite por adolescentes. **Giz.br**. 19/01/2024. <https://gizmodo.uol.com.br/instagram-passa-a-impedir-uso-do-app-a-noite-por-adolescentes/#:~:text=O%20Instagram%20quer%20evitar%20o,o%20app%20e%20ir%20dormir.>





volta – a mentalidade adolescente-juvenil encontra-se à deriva de emoções e sentimentos que raramente são bem-vindos e adequadamente acolhidos, sobretudo em tempos de performance e produtividade ininterruptos. A lida com o sofrimento pessoal torna-se lugar de vergonha, de *auto* e *alter* julgamento, culpabilização e angústia. A raiva com a frustração geralmente é o sentimento que mais desponta em quadros de suicídio onde a dor chega ao limite do suportado. Como já reconhecia Santo Agostinho<sup>61</sup>, embora se trate de um entendimento que custou a se tornar predominante na cultura ocidental, ninguém procura a morte pela morte, mas vê nisso a única forma plausível para a interrupção de uma dor que não pode ser descrita. É justamente o silenciamento do corpo e a escassez de espaços de manifestação e partilha que acabam por legitimar tais atos extremados como se fossem a melhor saída.

Segundo dados da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz, Bahia) publicados em 2024, a taxa de suicídio entre jovens cresceu 6% por ano no Brasil entre 2011 e 2022, enquanto as taxas de notificações por autolesões na faixa etária de 10 a 24 anos de idade evoluíram 29% ao ano no mesmo período<sup>62</sup>. Os dados superam o percentual aferido da população em geral, cuja taxa de suicídio apresentou crescimento médio de 3,7% ao ano e de autolesão de 21% ao ano. Também a Sociedade Brasileira de Pediatria tem chamado atenção para esse contexto. No mesmo período do estudo anterior, o país registrou 9.954 casos de suicídio ou morte por lesão autoprovocada. Os dados são obtidos a partir dos registros no Sistema de Informação sobre Mortalidade do Ministério da Saúde<sup>63</sup>. Apesar da redução de 36% no número de suicídios em escala global, as Américas fizeram um caminho inverso. A região teve um aumento de 17% nos casos, enquanto, no Brasil, o número subiu 43%. Infelizmente, quanto à população mais jovem, diferentes estudos consultados indicam tratar-se, já a partir de 2022, da 3ª causa de mortalidade, ficando

<sup>61</sup> AGOSTINHO. **O livre-arbítrio**, II, 6, 23.

<sup>62</sup> GANDRA, Alana. Fiocruz alerta para aumento da taxa de suicídio entre criança e jovem. **Agência Brasil**. 24/02/2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2024-02/fiocruz-alerta-para-aumento-da-taxa-de-suicidio-entre-crianca-e-jovem#> Acesso em: 08/05/2024.

<sup>63</sup> Revista Veja. Estudo alerta para alta incidência de suicídio na adolescência. 29/09/2023. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/comportamento/estudo-alerta-para-alta-incidencia-de-suicidio-na-adolescencia> Acesso em: 08/05/2024.





atrás apenas da violência interpessoal e de acidentes de trânsito<sup>64</sup>. Entre os jovens indígenas, esse número é ainda mais assustador. O maior percentual de jovens que comete suicídio no Brasil está entre jovens indígenas<sup>65</sup>. Trata-se de um problema delicado e multifatorial e que, por isso mesmo, merece atenção a partir de uma correlação de forças sociais, entre as quais o papel da Igreja Católica não pode ser ignorado. Espaços de acolhida e a promoção de um serviço de escuta empática podem garantir a promoção da vida em sua integralidade em nosso meio.

A relação entre adolescência, juventude e violência, considerando a complementaridade entre esses dois momentos de experiência do corpo e da consciência, seja a violência auto infligida, seja a provocada a outrem, diz respeito a uma questão de saúde coletiva e não individual. Dados como os indicados falam do modo como recursos culturais se mostram ou não disponíveis para o enfrentamento dessas realidades, contrapondo-se às formas de banalização das existências humanas e de seus corpos. Precisamos, cada vez mais, nos atentar para os modos de ocupação do espaço público, com desenvolvimento da capacidade criativa e imaginativa das juventudes (seus sonhos e ambições), oportunizando uma educação capaz de desenvolver habilidades que permitam lidar com a realidade das frustrações da vida mediante processos lentos e que não se resolvem à base de um clique. Daí ser fundamental uma compreensão cada vez mais lúcida da realidade, atenta aos diversos extratos juvenis que integram a sociedade urbana e seus modos de articulação e celebração de suas visibilidades (os guetos identificativos e suas *parties* ou *happy hours*).

Ainda sobre esse tema, é possível dizer que o grande mal-estar em torno das emoções juvenis diz respeito aos sentidos vividos em duas dimensões principais<sup>66</sup>: 1) *a autoimagem que o sujeito constrói para si*, mediante signos

<sup>64</sup> WENTZEL, Marina. Violência, trânsito, doenças: O que mais mata os jovens no Brasil e no mundo, segundo a OMS. **BBC Brasil**. 16/05/2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-39934226#:~:text=De%20acordo%20com%20a%20entidade,afogamento%2C%20leucemia%20e%20infec%C3%A7%C3%B5es%20respirat%C3%B3rias>. Acesso em 08/05/2024.

<sup>65</sup> MORENO, Sayonara. Risco de suicídio é maior entre jovens indígenas. **Agência Brasil**. 01/08/2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2023-08/risco-de-suicidio-e-maior-entre-jovens-indigenas>. Acesso em 08/05/2024.

<sup>66</sup> Referências como: ALBERTI, S. **Esse sujeito adolescente**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2009. ALBERTI, S. **O adolescente e o outro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. CALLIGARIS, C.





projetivos ideais e reais torna-se lugar de muita incerteza e insegurança quanto ao seu próprio processo inacabado, isto é, um corpo hormonal em conflito e mudanças; e b) o seu grau de aceitação, pertencimento e identificação a um grupo menor de amigos, não familiar (no sentido consanguíneo), que irá funcionar como regulador de sua visão de mundo e de si mesmo, nessa fase de experimentação e descobertas de novos discursos (não mais criança, não completamente adulto).

A falta de uma rede social de amparo profundo a esse delicado processo, no que tange à absorção do jovem num mercado de trabalho digno, bem como na constituição de uma estruturação familiar de base afetiva positiva, pode facilmente levar as juventudes a uma rebeldia “sem causa”, a uma bolha de fantasia e autoproteção expressa na hostilização de pessoas e grupos, como responsáveis por suas dores, introjetando crenças perigosas, como “o mundo é cruel”, “as pessoas são ruins”, tendo como ponto máximo a manifestação de comportamentos extremados ou a vinculações extremistas (o crescimento de grupos juvenis movidos por ideologias neonazistas, por exemplo)<sup>67</sup>. Toda questão do bem-estar das juventudes, então, gira em torno da qualidade de redes que sejam capazes de ajudar os sujeitos adolescentes e jovens a promoverem para si e entre si as habilidades emocionais de auto regulação, de construção de mudanças de mentalidades (processos de amadurecimento), de descoberta de novas possibilidades de se lidar com o ser humano com os sentimentos difíceis que fazem parte da vida (e daí a função tão fundamental de espaços como o esporte, as artes, que lidam com a criatividade e a imaginação).

## 7. JUVENTUDE, NOVAS TECNOLOGIAS E MUDANÇAS NOS PADRÕES DE INTERAÇÃO SOCIAL

Ao tematizarmos a relação entre juventude e tecnologia estamos, certamente, diante de um dos temas mais flagrantes de nossa época, não apenas pelos avanços significativos testemunhados em diferentes setores da

**A Adolescência.** São Paulo: Publifolha, 2000. HAN, B.-C. **O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente.** Tradução: Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis: Vozes, 2021.

<sup>67</sup> BRUM, Gabriel. Brasil envia alerta de crescimento de grupos neonazistas para a ONU. Agência Brasil. 10/04/2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/direitos-humanos/audio/2024-04/brasil-envia-alerta-de-crescimento-de-grupos-neonazistas-para-onu> Acesso em 08/05/2024.





produção do conhecimento e de um mundo mais confortável, mas, também, do modo como a interferência cada vez maior de interfaces virtuais passou a moldar e acomodar as percepções de mundo e a performance dos indivíduos em sociedade. De um lado, o surpreendente crescimento dos artifícios tecnológicos desde o surgimento da internet, em escala exponencial. O sonho da democratização do conhecimento, tornado acessível, de maneira gratuita, a um horizonte de fruidores antes não imaginado. De outro, e paradoxalmente, o grande conjunto dos indivíduos que ainda se mantém à margem desse acesso, por condições de desigualdade social, ainda que diretamente impactados pela nova realidade que se impõe. No caso do Brasil, dados apontam que 93% das crianças e jovens de 9 a 17 anos de idade usam a internet<sup>68</sup>. A maior ou menor adesão das populações a essa nova realidade varia de região para a região, estando a Região Centro-Oeste com 83% da população conectada e a Região Norte com 76%, com respeito ao maior e menor índice, respectivamente<sup>69</sup>.

De acordo com o levantamento realizado, os avanços mais significativos em termo de adesão foram nos domicílios das classes C (que passaram de 87% em 2022 para 91% em 2023) e D-E (de 60% para 67%). Já daí notamos que o avanço na acessibilidade digital entre os mais pobres segue com menor velocidade. Do quantitativo de 36 milhões de pessoas que não contam com acesso à internet, segundo o mesmo estudo, 24 milhões vivem em áreas urbanas e 17 milhões se declararam pretas ou pardas e pertencentes às classes D-E, o que aponta uma exclusão digital nas periferias urbanas do país. Nesse mesmo grupo também estão incluídos, com destaque, pessoas cuja escolaridade se limita ao ensino fundamental e maiores de 60 anos<sup>70</sup>. Esses dados, oferecidos pelo Governo Federal em 2023, ajudam-nos a

<sup>68</sup> Conselho Nacional de Justiça. No Brasil, 93% de crianças e adolescentes entre 9 e 17 anos de idade usam a Internet, apontam pesquisas. 05/05/2023. Disponível em: [https://www.cnj.jus.br/no-brasil-93-de-criancas-e-adolescentes-entre-9-e-17-anos-de-idade-usam-a-internet-apontam-pesquisas/#:~:text=crian%C3%A7as%20e%20adolescentes,-,No%20Brasil%2C%2093%25%20de%20crian%C3%A7as%20e%20adolescentes%20entre%209%20e,Sociedade%20da%20Informa%C3%A7%C3%A3o%20\(Cetic\).](https://www.cnj.jus.br/no-brasil-93-de-criancas-e-adolescentes-entre-9-e-17-anos-de-idade-usam-a-internet-apontam-pesquisas/#:~:text=crian%C3%A7as%20e%20adolescentes,-,No%20Brasil%2C%2093%25%20de%20crian%C3%A7as%20e%20adolescentes%20entre%209%20e,Sociedade%20da%20Informa%C3%A7%C3%A3o%20(Cetic).) Acesso em 08/05/2023.

<sup>69</sup> Ministério das Comunicações. 80% dos municípios brasileiros possuem acesso à internet, aponta pesquisa. 17/05/2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2023/maio/80-dos-domicilios-brasileiros-possuem-acesso-a-internet-aponta-pesquisa#:~:text=A%20Regi%C3%A3o%20Centro%2DOeste%20%C3%A9,e%20rede%20m%C3%B3vel%203G%2F4G.> Acesso em 08/05/2023.

<sup>70</sup> CAMARGO, Bianca. Cerca de 84% dos lares brasileiros têm acesso à internet, diz pesquisa. CNN Brasil. 16/11/2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/cerca-de-84->





aferir o índice de desigualdade experimentado entre as regiões do país, mas também atestam o fato de que cada vez mais estaremos imersos numa realidade tecnológica e digital.

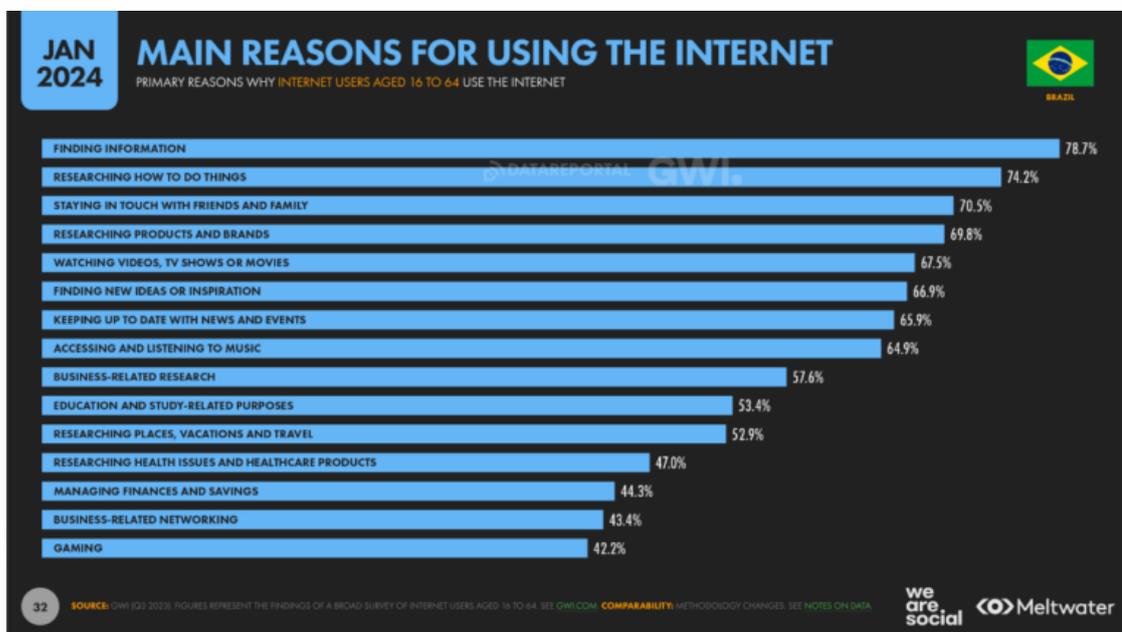
De acordo com pesquisa realizada pelo portal Digital Brasil 2023, no ano passado 99,1% da população possuía algum tipo de celular, sendo que apenas 5,7% possuíam celular de botão (26,9% a menos que no ano anterior, 2022). Em relação ao uso de internet, em 2023 estavam ativos 210.3 milhões de conexões mobile, totalizando 96,9% da população do Brasil. Cada brasileiro utilizou, em média, 9h 31 min de internet por dia. Um número bastante expressivo, em comparação com as 4h 04min assistindo televisão, as 3h 11min lendo (em textos impressos ou digitais), as 2h 04min ouvindo música ou os 56min ouvindo rádio, em média. Entre os principais motivos para se manter conectado, a população pesquisada respondeu: encontrar informações (78,7%); pesquisar como se faz as coisas (74,2%); manter contato com amigos e família (70,5%); pesquisar sobre produtos e marcas (69,8%); assistir vídeos, séries ou filmes (67,5%), entre outras respostas que podem ser conferidas no gráfico a seguir<sup>71</sup>.

[dos-lares-brasileiros-tem-acesso-a-internet-diz-pesquisa/#:~:text=pesquisa%20%7C%20CNN%20Brasil-,Cerca%20de%2084%25%20dos%20lares%20brasileiros,acesso%20%20C3%A0%20internet%2C%20diz%20pesquisa&text=Estudo%20divulgado%20nesta%20quinta%2Dfeira,se%20mantinha%20es t%C3%A1vel%20desde%202020. Acesso em: 08/05/2024.](#)

<sup>71</sup> Jornal O Globo. Alvo de inquérito no STF, Elon Musk volta a atacar Alexandre de Moraes nas redes. 19/04/2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2024/04/19/alvo-de-inquerito-no-stf-elon-musk-volta-a-atacar-alexandre-de-moraes-nas-redes.html> Acesso em: 08/05/2024.



## Gráfico 4 – Principais razões para o uso da internet



Assim, ao pensarmos o momento presente e o que ele, necessariamente, pode determinar sobre o futuro vindouro, devemos reconhecer que são os jovens os que, de maneira mais evidente, estão ao alcance seja dos benefícios, seja dos malefícios da expansão tecnológica, embora nem sempre encontrem espaços oportunos de acolhida para esta reflexão.

### 7.1 Um destaque: O advento das tecnologias de interação social

O mundo atual testemunha um significativo declínio de ritos de passagem sociais que antes fortaleciam e mantinham as identidades coletivas e individuais<sup>72</sup>. Isso não é diferente no Brasil, onde esse fenômeno é particularmente marcante entre as juventudes, que enfrentam o vácuo identitário decorrente de sua falta. Sem esses marcos simbólicos, a transição da adolescência para a vida adulta torna-se nebulosa, privando os jovens de um senso claro de pertencimento. Essa lacuna impacta sobre a construção

<sup>72</sup> Ver no site: <https://www.pactopelasjuventudes.org/>. Acesso em 28/04/2024.





da identidade, deixando-os à mercê de outras formas de validação e sentido, muitas vezes encontradas em espaços digitais e culturais fragmentados.

Desde as últimas décadas, as novas tecnologias, incluindo nesse panorama as redes sociais e os diferentes recursos de comunicação, passaram a desempenhar um papel cada vez mais central no cotidiano de nossas vidas, na forma como percebemos a realidade e com ela interagimos. Até então, a comunicação se dava pelos meios tradicionais, que, embora já impusessem a necessidade de uma mediação, ainda mantinham os vínculos comunicativos limitados ao estabelecimento de certo contato. Veículos como o rádio, a TV e os jornais impressos influenciavam como as narrativas de mundo e a opinião pública eram moldadas, compondo, quem sabe, um horizonte unidirecional. Com a ascensão da internet, contudo, a comunicação se tornou cada vez mais descentralizada, tornando possível a criação e o compartilhamento de conteúdo de forma instantânea e global. Também os vínculos se dispuseram a alcances antes não imaginados. As comunidades locais se enfraqueceram, em função do advento das novas “comunidades” estabelecidas unicamente sob os termos da mediação virtual. O mundo se virtualizou.

Uma mudança tão significativa na interface comunicativa teve impacto profundo sobre a percepção que as pessoas construíam da realidade. Aparelhos smartphones se tornaram órgãos fundamentais ao funcionamento de nossos corpos, tanto ao nível das juventudes, como de todos os demais. O Papa Francisco está nas redes sociais, e os bispos do Brasil também. E, justamente por isso, padecem dos efeitos benéficos, mas também dos nocivos da midiatização. As informações passaram a circular numa velocidade muito maior, orientadas por uma multiplicidade de fontes e perspectivas. É inegável o fator positivo e, até mesmo, de democratização do acesso e da opinião fomentado por essa nova organização de mundo. Seus desafios, porém, devem ser igualmente considerados por uma análise honesta a respeito da realidade atual, em que viceja a propagação de notícias falsas, fomentando a desinformação, a polarização e a formação de “bolhas de filtro” que acabam por impedir o reconhecimento do “mundo real”, soterrado sobre seus próprios escombros<sup>73</sup>.

<sup>73</sup> NASCIMENTO, Lucia Cristina Oliveira. Informação e desinformação em tempos de pós-verdade: um estudo a respeito da propagação de notícias falsas nas mídias sociais. UFRJ.





Graças ao funcionamento dos algoritmos, que monitoram gostos e preferências de cada usuário, as pessoas passam a ser expostas excessivamente a opiniões e visões de mundo semelhantes às suas próprias, impedindo que cresçam com a diversidade e aprendam novos pontos de vista. Cada vez mais abrimo-nos a redes; mas a redes de “iguais”. O excesso dos iguais produz indiferença. A indiferença mata a diversidade e está na raiz de comportamentos violentos nutridos contra identidades e grupos. E isso sobretudo numa época em que a própria noção de identidade traz a marca da mediação digital.

É preciso considerar, além disso, que o capital financeiro subjacente às redes sociais e ao uso de algoritmos é uma força inegável que molda a paisagem digital contemporânea. Empresas gigantes de tecnologia como Facebook, Google e Twitter prosperam através da coleta massiva de dados dos usuários, alimentando algoritmos sofisticados que moldam o conteúdo apresentado aos usuários. Esses algoritmos, impulsionados pelo objetivo de

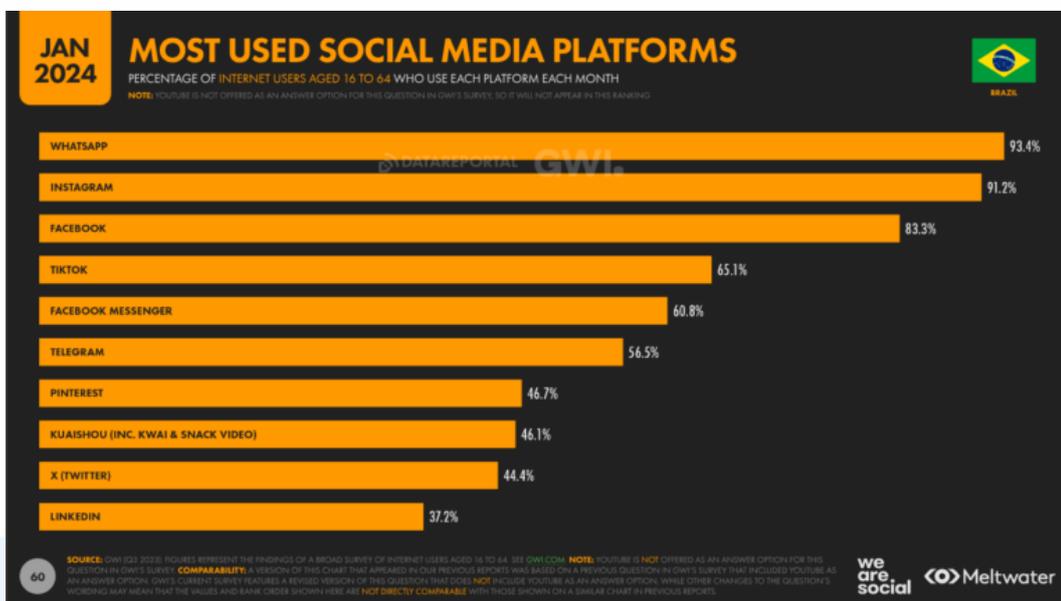
maximizar o engajamento e, por consequência, o lucro, muitas vezes priorizam a polarização, a desinformação e o sensacionalismo em detrimento da precisão e da diversidade de perspectivas. Essa dinâmica cria uma espiral de feedback em que o conteúdo mais extremo e emocionalmente carregado é privilegiado, ampliando divisões sociais e promovendo um ambiente propício para a propagação de discursos de ódio e desinformação. Assim, o capital financeiro por trás das redes sociais e dos algoritmos exerce uma influência substancial na maneira como as pessoas interagem e percebem o mundo digital, moldando não apenas suas experiências online, mas também suas percepções e comportamentos offline. Embora existam forças na direção contrária, como o caso do grupo de brasileiros que inventaram um algoritmo habilitado no reconhecimento de fake News, apenas uma formação crítica das juventudes poderá assegurar um futuro de esperança para fora dos limites da alienação. Mostramos a seguir o quadro das principais redes sociais acessadas no Brasil, com o respectivo número percentual do total de usuários.

---

Dissertação de Mestrado. 2022. Disponível em: <https://sites.ufpe.br/rpf/2020/07/30/como-as-bolhas-favorecem-as-fake-news/#respond> Acesso em 08/05/2024.



## Gráfico 5 – As plataformas de mídia mais usadas



O advento da realidade virtual e aumentada representa, enfim, o ponto alto da expansão tecnológica em nosso tempo, outra vez interferindo sobre como se estabelecem as relações. Sobretudo entre os jovens, os relacionamentos “reais” cada vez mais se veem substituídos por réplicas “virtuais”, representadas por amigos e relacionamentos produzidos por inteligência artificial. Essas tecnologias são capazes de criar “experiências” imersivas com tamanha aura de fatualidade que desafiam os nossos sentidos, levando-nos a questionar o que é real e o que simulado. Um cenário em que mesmo as instituições tradicionais se veem constantemente desafiadas a ocupar, com o intuito de se manterem capazes do diálogo com a atualidade. Por exemplo, ainda em 2022 ocorreu a primeira Missa transmitida no metaverso no Brasil<sup>74</sup>. Assim, podemos dizer que a mudança na interface comunicativa não apenas ampliou as possibilidades de comunicação disponíveis, mas também tem suscitado questões sobre a confiabilidade da informação, a construção de narrativas e os limites entre o virtual e o real, cada vez mais instáveis.

<sup>74</sup> Tinside. Rede Vida realiza primeira missa no metaverso. 22/07/2022. Disponível em: <https://tiinside.com.br/22/07/2022/rede-vida-realiza-primeira-missa-no-metaverso/>. Acesso em 08/05/2024.





## 7.2 Novo Desafio: A Inteligência Artificial (IA)

Como dito, no atual momento do desenvolvimento técnico e, sobretudo, tecnológico das sociedades humanas, a ascensão da inteligência artificial deve ser considerada como o marco mais significativo. Isto é, a capacidade de máquinas aprenderem, raciocinarem e tomarem decisões cada vez mais autônomas, com impacto não apenas sobre áreas como a automação e o entretenimento, mas, igualmente, sobre a educação e a medicina. Trata-se de um avanço que impacta profundamente a percepção da realidade por parte dos seres humanos, já que, historicamente, operamos desde um aparelho cognitivo de funcionamento linear. Também sobre isso, entre os mais jovens, se pode notar uma importante modificação psicológica e, até mesmo, orgânica. As novas gerações levam cada vez menos tempo para aprender um conjunto de conhecimento que antes dependia de um longo período de aprofundamento. Isso do ponto de vista da aquisição de um conhecimento que pode ser medido em termos tanto quantitativos, como qualitativos. O mesmo, porém, não ocorre quanto ao amadurecimento, ou seja, à dimensão das emoções, da apropriação de si e da disposição de si aos outros. Estabelece-se, então, um conflito entre a capacidade de aprendizagem e o conjunto de conhecimentos disponíveis, e a dificuldade de uma reflexão mais profunda sobre os temas fundamentais da existência, ou, mesmo, a sensação de incapacidade ou de imobilidade nos momentos de tomada de decisões.

A inteligência artificial traz consigo uma importante ampliação do conceito de realidade, o que desafia as fronteiras entre o natural e o artificial, entre o orgânico e o virtual, impactando de maneira especial a percepção que construímos acerca da passagem do tempo. O tempo passa a correr de maneira cada vez mais veloz e, com ele, as pessoas são compelidas a uma carga de atividades que se torna frenética. Nunca na história nos dedicamos a um conjunto de empreendimentos simultâneos tão diversos. Se à tecnologia se arroga o papel de facilitadora nos trabalhos mais elementares, à revelia dessa compreensão, acabamos por eliminar os espaços lacunares, as zonas de transição, os “vazios” necessários ao restabelecimento das nossas energias, como espaço de descanso e de reflexão sobre nossas ações e projetos. O tempo passa velozmente e, acompanhando sua passagem, trabalhamos





sempre. Estamos sempre preenchidos por estímulos externos que nos demandam atividades constantes, quase ao ponto da compulsão. E outra vez os jovens, que já nascem e crescem nessa atmosfera vivencial, são os mais diretamente atingidos por isso.

Por conseguinte, outro desafio é que a cada vez maior dependência em relação à inteligência artificial também se torna um obstáculo ao pensamento. Isso porque o pensamento nutre-se da elaboração de imagens mentais, motivadas por estímulos não explícitos. A leitura, por exemplo, pode ser indicada como um forte estímulo ao pensamento, na medida em que obriga o leitor a formular as suas próprias imagens, de acordo com sua percepção de mundo. É, assim, força motriz da capacidade criativa, que, por sua vez, está na raiz do progresso social. Quando, cada vez mais, delega-se à inteligência artificial a promoção da criatividade, entregue em imagens prontas, limita-se, no ser humano, o que há de mais humano: a criatividade. Entre as consequências disso está o nivelamento reflexivo das sociedades, que se tornam, progressivamente, incapazes do juízo crítico, da deliberação acerca de temas mais essenciais da convivência, como a esfera da política. Justamente por isso, o uso desmedido da inteligência artificial pode trazer impactos decisivos para a esfera pública, não somente pela manipulação das informações e dos resultados, mas pela crescente despolitização das juventudes, contentes por exercerem suas identidades num plano virtual e individual e pouco engajadas a projetos concretos, de longa duração e que impactem a vida de populações mais abrangentes.

Isso significa que toda essa revolução tecnológica, que, de algum modo, representa o atual momento de desenvolvimento societário da humanidade, também levanta questões éticas e políticas sobre o papel da internet, das redes sociais e, especialmente, da inteligência artificial. No panorama político das democracias, incluindo o Brasil, tais ferramentas podem, por um lado, favorecer a eficácia dos processos e da participação popular, dando maior celeridade e transparência. Por outro, no entanto, há desafios e considerações que não podem ser ignoradas, entre as quais: o problema da privacidade dos dados, a manipulação de informações pessoais, a promoção de informações falsas como consequência da pulverização das referências, a polarização, como efeito das “bolhas de filtro”, entre outros. Há que se considerar tratar-se de um tema que demanda ampla discussão e regulamentação adequada, para impedir que os limites





da legalidade sejam ultrapassados, como forma de legitimação de uma (ou várias) realidades paralelas que influenciam o cotidiano de vida das pessoas. Note-se, por exemplo, os recentes conflitos entre o multimilionário Elon Musk e o Supremo Tribunal Federal, especificamente na pessoa do ministro Alexandre de Moraes<sup>75</sup>. Valendo-se da influência que dispõe sobre a rede social de que é proprietário, o primeiro suscita críticas sobre a lisura das últimas eleições gerais no Brasil, acusando o segundo de ter influenciado diretamente os rumos do pleito. Fomenta, assim, desconfianças e o esticamento da tensão entre tendências que já se encontram bastante polarizadas na sociedade brasileira. Tratando-se de uma realidade relativamente nova, os mecanismos para lidar com os problemas dela derivados também deverão ser aperfeiçoados.

### **7.3 O lugar da juventude num mundo tecnológico e virtual**

Se, então, o estabelecimento de um mundo tecnológico e virtual tem impactos sobre todos os setores da sociedade, o que inclui as instituições sociais tradicionais, modificadas graças à influência da nova percepção da realidade por parte dos indivíduos, ele se aplica ao lugar das juventudes no contexto atual. De um ponto de vista político, é possível observar o crescimento do papel dos mais jovens nas articulações públicas, sobretudo por conta do domínio das ferramentas necessárias para o trânsito digital. São eles, os nativos digitais, sempre os primeiros a acessarem as novas tecnologias e a dominarem a sua manipulação. Nesse sentido, o papel dos mais jovens no núcleo familiar como o conhecíamos foi significativamente alterado. Numa comparação que julgamos possível, se as últimas décadas representam o itinerário de conquistas sociais importantes para populações que antes estavam desassistidas dos direitos fundamentais de participação cívica, como as mulheres ou os negros, considerados minorias nos espaços de tomadas de decisão, o momento presente reserva algo de semelhante para os mais jovens (e cada vez mais jovens).

Muito se disse num passado ainda recente, inclusive nos espaços eclesiais, sobre a força da juventude como o “futuro da sociedade e/ou da Igreja”. Acontece que, sobretudo por conta da profunda alteração no modo de interação social, não é mais possível dizer que os jovens sejam o “futuro”,

<sup>75</sup> Idem, ob.cit. 2024.





já que, em termos práticos, são eles o presente em muitos espaços. É, então, impossível negar o crescimento do protagonismo das juventudes. Na família, como detentores de um “saber exclusivo” sobre a manipulação das novas tecnologias, acessíveis a todos os seus membros, também àqueles com maior dificuldade de adesão. Nos diferentes espaços sociais, a cada vez maior dependência de peritos técnicos em áreas tecnológicas (Tecnologia de Sistemas, Tecnologia de Redes, Tecnologia de Informações, Tecnologia de Softwares, Nanotecnologia), em espaços como a comunicação social, a educação, as engenharias e a saúde. Voltamos, assim, ao problema assinalado anteriormente: ao fato de que o desenvolvimento emocional não acompanha a aquisição de conhecimentos práticos no ser humano, avançando desde uma temporalidade menos compulsiva. É aí que talvez mais que antes seja importante fomentarmos a discussão sobre as relações intergeracionais, reconhecendo os diferentes papéis e promovendo espaços de inclusão para todos os seguimentos etários, em cooperação. Não se pode mais considerar os jovens como o futuro, já que são o presente, mas isso sem isolá-los num protagonismo para o qual não se sentem capazes de assumir por conta própria.

Uma metáfora, nesse sentido, pode colaborar em nossa reflexão. A imagem de que o velho modelo de sociedade já passou, isto é, já morreu. E de que o novo modelo já surgiu, nascido do anterior. Acontece que, para que ele realmente se estabeleça é necessário que o cadáver do velho lhe dê passagem, saia de seus ombros e lhe libere as forças. Para que isso ocorra é preciso construir espaços de acolhimento, de encontro e de escuta das gerações mais jovens, de seus sonhos e de suas conquistas já atingidas; sobretudo de sua percepção da realidade, como no modelo da Igreja Sinodal recuperado pelo Papa Francisco, em que todos, absolutamente todos devem ter voz ouvida. Isso não será possível até que superemos as divisões que existem entre nós, o monopólio de uma visão de mundo sobre outras. Se é verdade que existe o colonialismo de algumas regiões do planeta sobre outras, dos países mais ricos sobre os mais empobrecidos, trata-se de uma lógica que comumente também se aplica aos processos decisórios, em que o fator da senioridade parece legitimar escolhas e caminhos. À revelia disso, apenas dando voz às juventudes poderemos superar a neblina da crise que custa a dissipar-se e reconhecer a nova realidade que já está posta e que é vivida por incontáveis comunidades, no cotidiano de suas atividades, com





equilíbrio e cooperação. Como profetizou o cantor Belchior: “o novo, o novo sempre vêm”<sup>76</sup>.

Como recorda o Papa Francisco no n. 11 de *Fratelli Tutti*, “cada geração deve fazer suas as lutas e as conquistas das gerações anteriores e levá-las a metas ainda mais altas. É o caminho. O bem, como, aliás, o amor, a justiça e a solidariedade não se alcançam duma vez para sempre; hão de ser conquistados cada dia. Não é possível contentar-se com o que já se obteve no passado nem se instalar a gozá-lo como se esta situação nos levasse a ignorar que muitos de nossos irmãos ainda sofrem situações de injustiça que nos interpelam a todos”<sup>77</sup>. Tal disposição também implica abrimo-nos às possibilidades inauguradas pelo advento das tecnologias digitais, sem que nos tornemos reféns de seus mecanismos.

Em resumo, devemos assumir o caráter positivo das tecnologias que já estão postas em circulação, e cujo progresso é inevitável entre nós, beneficiando-nos de seu potencial de promoção do bem e da vida para todos. Ainda que também devamos estar atentos aos seus limites e à sua influência, especialmente sobre os mais jovens, que podem ainda não ter desenvolvido suficientemente os mecanismos críticos necessários para lidar com um mundo em permanente transformação. Como principais frentes da relação entre as juventudes e essas tecnologias, conscientes de algumas de suas vantagens e desvantagens, podemos destacar:

- a) *A conexão e a interação social*: pensamos aqui nas redes sociais e em outras plataformas de comunicação que permitem a conexão remota, de forma instantânea e global. Facilita-se, então, a criação de comunidades online, unidas por interesses afins, como espaços para o compartilhamento de conteúdo e a criação de laços. Como dito, a realidade caminha para o cada vez maior impacto dessa nova conjuntura sobre os laços sociais, sob o preço do enfraquecimento dos vínculos imediatos, com sobreposição do mundo “virtual” sobre o “real”;
- b) *A democratização do conhecimento pelo acesso aberto à informação e à educação*: uma importante frente das novas tecnologias, que não

<sup>76</sup> Belchior, Como nossos pais, 1976.

<sup>77</sup> FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica *Fratelli Tutti***, n. 11, disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.html#\\_ftnref8](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html#_ftnref8) Acesso em 08/05/2024.





pode ser desprezada, diz respeito ao papel que essas desempenham sobre a popularização dos conhecimentos, acessíveis gratuitamente em diferentes espaços da internet. O excesso de informações e a pulverização das referências, como dito, ao passo em que enfraquece a capacidade de uma reflexão crítica e profunda, pode fortalecer o arsenal de informações falsas. É preciso criar mecanismos para lidar com esses desafios junto ao público mais jovem.

- c) *Engajamento cívico e ativismo político*: as tecnologias podem desempenhar um papel importante no engajamento cívico das juventudes, sobretudo pensando os novos espaços do debate público, crescente no meio “virtual”. As últimas eleições gerais do Brasil são a prova disso. O reverso, no entanto, é representado pela proliferação de “bolhas de filtro”, travestidas de percepção autêntica da realidade. Corre-se, assim, o risco de anular a diversidade que está na raiz do exercício da política.
- d) *A expressão criativa e a criação de conteúdos*: um importante potencial das novas tecnologias e da inteligência artificial entre os mais jovens é a maximização de espaços para o exercício da criatividade, num processo de transmissão de conhecimentos que cada vez mais se vale de diferentes mecanismos. Esse potencial deve ser cultivado no estímulo à produção de um pensamento autoral, à construção de imagens mentais que são condição da criatividade.
- e) *Impacto na Saúde Mental*: o uso inadequado dessas tecnologias também pode ter impactos negativos sobre a saúde de jovens, especialmente em vista do que dissemos sobre o descompasso entre o amadurecimento (o aprimoramento da dimensão emocional) e a aquisição (dimensão da aprendizagem) ou produção (dimensão da criatividade) de conteúdo.

Em síntese, pode-se dizer que as tecnologias têm tido um papel multifacetado não apenas na vida dos mais jovens, mas da sociedade como um todo, embora sejam eles os que mais diretamente padecem sob seus impactos. Trata-se de algo que não pode ser ignorado em uma tentativa de leitura do movimento social e, por isso, a sua pertinência nesta discussão mais ampla.





## 8. O PAPA E A JUVENTUDE: EXORTAÇÕES PARA AS JORNADAS DA JUVENTUDE

Uma das características do que chamou e se chama ainda Ação Católica (Brasileira), em sentido pós-conciliar, em alcance catequético e evangelizador, foi a sua finalidade principal de formar o caráter do laicato e de atribuir ao leigo maior autonomia em todos os âmbitos da atuação da Igreja (Católica), sobretudo nas práticas de evangelização enquanto consciência do papel de cristão.

E um dos protagonismos mais dinâmicos dessa atuação, foi o da juventude católica, para cuja vivacidade e engajamento, muito contribuiu o método pastoral ver-julgar-agir, logo assumido pela juventude, na medida em representou uma possibilidade de atuação concreta, a partir de seus lugares de pertencimento e de valorização do protagonismo juvenil.

Assim é que desde os anos 1950, logo se formaram os grupos de Juventude Agrária Católica (JAC), Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Independente Católica (JIC), Juventude Operária Católica (JOC) e Juventude Universitária Católica (JUC), nutrindo o meio social de sua atuação, ao impulso de uma disposição evangelizadora que levasse em consideração a sua própria realidade, nas escolas, universidades, fábricas e fazendas.

É certo que há conceitos atualizados para a articulação e para a designação dos carismas desses grupos, constituídos ou não como organismos eclesiais conforme seus fundamentos teológicos-evangelizadores, mas permanece na estrutura organizacional da CNBB, uma Comissão Episcopal Pastoral de Juventude, que “tem como atribuição favorecer mecanismos (estruturas, formação, instrumentos) para o amadurecimento do jovem na sua vocação de discípulo missionário de Jesus Cristo”.

Nessa atualização, não se encontra plenamente categorizado o modo e os pressupostos de atuação desses grupos. Embora seja nítidos os esforços de muitas dioceses e serviços no sentido de identificá-los e categorizá-los. Um exemplo desse esforço, aliás, orientado para o trabalho evangelizador da juventude, é o Projeto de Evangelização da Juventude, da Arquidiocese de Mariana – MG, 2017.

Na Apresentação do Projeto assinala +Dom Geraldo Lyrio Rocha, Arcebispo Metropolitano, que assume a responsabilidade da proposta: “Após





longo processo de reflexão, aprofundamento e elaboração, o Conselho Arquidiocesano de Pastoral, em sua reunião de 17 de fevereiro de 2017, analisou profundamente este Projeto de Evangelização da Juventude de nossa Igreja particular de Mariana, enriquecendo-o com muitas contribuições e dando unanimemente seu parecer favorável à sua aprovação. Precisamos unir as forças para levar adiante a opção preferencial pelos jovens que a Igreja da América Latina assumiu na Conferência de Puebla (México) em 1979. A Conferência de Aparecida, em 2007, nos estimula a prosseguir nessa opção: “Os jovens e adolescentes constituem a grande maioria da população da América Latina e do Caribe. Representam enorme potencial para o presente e o futuro da Igreja e de nossos povos, como discípulos e missionários do Senhor Jesus. Os jovens são sensíveis a descobrir sua vocação a serem amigos e discípulos de Cristo. São chamados a ser ‘sentinelas da manhã’, comprometendo-se na renovação do mundo à luz do Plano de Deus. Não temem o sacrifício nem a entrega da própria vida, mas sim uma vida sem sentido. Por sua generosidade, são chamados a servir a seus irmãos, especialmente aos mais necessitados, com todo o seu tempo e vida. Têm capacidade para se opor às falsas ilusões de felicidade e aos paraísos enganosos das drogas, do prazer, do álcool e de todas as formas de violência. Em sua procura pelo sentido da vida, são capazes e sensíveis para descobrir o chamado particular que o Senhor Jesus lhes faz. Como discípulos missionários, as novas gerações são chamadas a transmitir a seus irmãos jovens, sem distinção alguma, a corrente de vida que procede de Cristo e a compartilhá-la em comunidade, construindo a Igreja e a sociedade” (DAp. 443).

Com todo esse esforço, que deve ter correspondência em outras iniciativas, ainda é desafiadora a constatação de lacunas presentes no acumulado do processo pastoral: “Pouca notícia se tem da presença e atuação organizada e articulada da Ação Católica em nossa Arquidiocese, especialmente, em relação à juventude que se destacou por meio da Juventude Agrária Católica (JAC), Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Independente Católica (JIC), Juventude Operária Católica (JOC) e Juventude Universitária Católica (JUC). Sabe-se, no entanto, que houve experiências isoladas desta organização juvenil, sobretudo, no meio estudantil. Há testemunhos, inclusive, de jovens que, motivados pela Ação Católica, se posicionaram contra a ditadura instalada no Brasil sofrendo, por





causa disso, forte perseguição por parte dos militares. Todavia, o grande evento, no entanto, que provocou uma reviravolta na evangelização foi o Concílio Vaticano II. A partir daí, a proposta de uma Igreja renovada e de portas abertas provocou uma mudança de atitude. Em nossa Arquidiocese a implementação do Concílio foi um processo lento. Nossos pastores enfrentaram muitos desafios. Foi surgindo na Igreja um jeito novo de se organizar, com a presença de alguns movimentos que renovaram a forma de agir em relação à juventude”.

Pensar a juventude, numa perspectiva pastoral leva a recuperar a cuidadosa atenção que os pontífices atribuem aos jovens no espaço missionário da Igreja. Desde a instituição desse movimento de mobilização acolhedora dos jovens, a mais nítida afirmação do carisma dessa comunhão são os sinais de esperança.

Sinais de esperança têm sido o fecho de todas as análises na quadra atual do Grupo de Análise da Conjuntura e desejamos que nossos textos devem passar pelo crivo iluminador da perspectiva pontifícia que os encarnem. “Confessai Cristo como Senhor, sempre dispostos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la peça» (1Pe 3, 15). Já na primeira edição, celebrada a nível diocesano, o Papa João Paulo II apresentou a Jornada Mundial da Juventude aos jovens, sublinhando que aquele era um dia de esperança. E agora, quando se caminha para o jubileu desse movimento, é ainda a esperança que ilumina o caminho de encontro da Igreja com os jovens que são também a esperança de sua renovação.

O Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida, através de um comunicado informou que o Papa Francisco ao escolher os temas das duas Jornadas Mundiais da Juventude mais recentes – a que se celebrou em 2023 e a que vai se celebrar em 2024, essa por ocasião da solenidade de Cristo Rei, cadenciando o caminho de preparação para o Jubileu dos Jovens, no contexto do grande Jubileu de 2025 «Peregrinos de esperança»: levam esses sinais: XXXVIII Jornada Mundial da Juventude, 2023: «Alegres na esperança» (cf. Rm 12, 12); XXXIX Jornada Mundial da Juventude, 2024: «Aqueles que esperam no Senhor caminham sem se cansar» (cf. Is 40, 31), isso porque, nos tempos difíceis atuais, a Igreja deseja, como então, reacender a esperança no mundo e, para o conseguir, confia de maneira particular nos jovens, protagonistas da história e «missionários da alegria».





Por ocasião da XXXVIII Jornada Mundial da Juventude a mensagem do Papa Francisco aprofunda o tema «Alegres na esperança» (Rm 12, 12), convidando os jovens a não ter medo de testemunhar Cristo alegremente, alimentando a esperança com oração e atitudes quotidianas: nas redes sociais, "tentem compartilhar cada dia uma palavra de esperança", tornando-se semeadores de esperança na vida dos amigos.

Ele esclarece a expressão paulina «Alegres na esperança» (Rm 12, 12), aplicada à juventude, consciente de que “para os jovens, é um tempo propício do acolhimento de Deus, já que é alimentado pelas relações com amigos, experiências culturais, conhecimentos científicos e iniciativas fraternas, escreveu o Pontífice, ao alertar, porém, para os “dramas da humanidade, sobretudo do sofrimento dos inocentes” vividos atualmente”.

Contudo, com a ponderação dos riscos e ameaças que podem assombrar a sua disposição: “vivemos num tempo em que para muitos, mesmo jovens, a esperança parece ser a grande ausente. Infelizmente muitos dos vossos coetâneos, que vivem experiências de guerra, violência, bullying e várias formas de mal-estar, veem-se afligidos pelo desespero, o medo e a depressão. Sentem-se como que encerrados numa prisão escura, incapazes de ver os raios do sol. Demonstra-o dramaticamente a elevada taxa de suicídio entre os jovens de vários países. Em semelhante contexto, como se pode experimentar a alegria e a esperança, de que fala São Paulo?”

Para o Papa, “A esperança cristã não é negação da dor nem da morte, mas celebração do amor de Cristo Ressuscitado que está sempre conosco, mesmo quando parece distante.”, assim, ela precisa ser alimentada (percursos práticos que ele próprio indica, o primeiro, a oração. Rezando, escreveu ele, “mantemos acesa a centelha da esperança”, mesmo quando tudo se apresenta cinzento; mas estar disponíveis para “opções quotidianas, na escolher atitudes muito concretas na vida de cada dia”: “Exorto-vos a escolher um estilo de vida baseado na esperança. Dou um exemplo: nas redes sociais, parece mais fácil compartilhar notícias más do que notícias de esperança. Assim deixo-vos uma proposta concreta: tentai compartilhar cada dia uma palavra de esperança. Tornai-vos semeadores de esperança na vida dos vossos amigos e de quantos vos rodeiam. Com efeito, «a esperança é humilde e é uma virtude que se trabalha – por assim dizer – todos os dias (...). Todos os dias é preciso lembrar-nos que temos o penhor, que é o Espírito e que





trabalha em nós através de pequenas coisas» (Francisco, Meditação matutina, 29/X/2019).”

E, sobretudo, “não ter medo de “partilhar com todos a esperança e a alegria de Cristo Ressuscitado”: “A esperança cristã, não a podemos guardar para nós, como um belo sentimento, visto que se destina a todos. Aproximai-vos em particular dos vossos amigos que talvez aparentemente sorrissem, mas por dentro choram, carentes de esperança. Não vos deixeis contagiar pela indiferença e pelo individualismo: permaneçei abertos como canais por onde a esperança de Jesus possa fluir e difundir-se nos ambientes onde viveis. A esperança cristã não é otimismo fácil nem uma panaceia para simplórios: é a certeza, radicada no amor e na fé, de que Deus nunca nos deixa sozinhos e mantém a sua promessa. Usem as redes sociais para dividir uma palavra de esperança todos os dias”.<sup>78</sup>

É alvissareiro constatar que depois do Sínodo sobre os jovens, moças e rapazes de todo o mundo se confrontam com a “*Christus vivit*”, a Exortação apostólica do Papa Francisco<sup>79</sup>.

Desses documentos, na perspectiva do Pontífice, permanece a representação de esperança numa juventude que não se conforme a contemplar o mundo da janela e muito menos isolar-se de sua realidade no conforto do sofá. Que se mobilize para a ação política, tanto na vocação evangelizadora quanto no compromisso de participação comunitária, porque “A política, tão denegrada, é uma sublime vocação, é uma das formas mais preciosas da caridade, porque busca o bem comum”<sup>80</sup>

<sup>78</sup> COLLET, Andressa. Papa aos jovens: usem as redes sociais para dividir uma palavra de esperança todos os dias. **Vatican News**. 14/11/2023. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-11/papa-francisco-mensagem-dia-mundial-da-juventude-26-novembro-23.html> Acesso em: 08/05/2024.

<sup>79</sup> ONDARZA, Paolo e PIRO, Isabella. Sínodo sobre os jovens: o que diz o documento final. **Vatican News**. 27/10/2018. Disponível em: [<sup>80</sup> Papa Francisco. Exortação Apostólica \*Evangelii Gaudium\*. 24/11/2013. Disponível em: \[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\\_exhortations/documents/papa-francesco\\\_esortazione-ap\\\_20131124\\\_evangelii-gaudium.html\]\(https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\_exhortations/documents/papa-francesco\_esortazione-ap\_20131124\_evangelii-gaudium.html\), Acesso em: 08/05/2024.](https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2018-10/sinodo-jovens-2018-documento-final-sintese.html#:~:text=O%20S%C3%ADnodo%20concentra%2Dse%20tamb%C3%A9m,%C3%A9t%C3%A9nicos%20ou%20econ%C3%B4micos%3B%20as%20defici%C3%AAs; Acesso em 08/05/2024. |</a></p>
</div>
<div data-bbox=)





Em relação aos jovens, nessa perspectiva o Sínodo reserva esse sentido de esperança<sup>81</sup>. Com efeito:

170. O Sínodo reconheceu que, «embora sob forma diferente relativamente às gerações passadas, o compromisso social é um traço característico dos jovens de hoje. Ao lado de alguns indiferentes, há muitos outros disponíveis para se comprometerem em iniciativas de voluntariado, cidadania ativa e solidariedade social, o que é preciso acompanhar e encorajar para fazer surgir os talentos, as competências e a criatividade dos jovens e estimular a assunção de responsabilidades por parte deles. O empenho social e o contacto direto com os pobres continuam a ser uma oportunidade fundamental para descobrir ou aprofundar a fé e para discernir a própria vocação. (...) Assinalou-se também a disponibilidade a empenhar-se em campo político para a construção do bem comum».

171. Graças a Deus, hoje, os grupos de jovens nas paróquias, escolas, movimentos ou grupos universitários costumam ir fazer companhia a idosos e enfermos, visitar bairros pobres, ou sair juntos para ajudar os mendigos nas chamadas «noites da caridade». Com frequência, reconhecem que, em tais atividades, o que recebem é mais do que aquilo que dão, porque se aprende e amadurece muito quando se tem a coragem de entrar em contacto com o sofrimento dos outros. Além disso, nos pobres, há uma sabedoria escondida, e eles, com palavras simples, podem ajudar-nos a descobrir valores que não vemos.

172. Outros jovens participam em programas sociais que visam construir casas para os sem-abrigo, bonificar áreas contaminadas, ou recolher ajudas para os mais necessitados. Seria bom que esta energia comunitária fosse aplicada não só em ações esporádicas, mas de forma estável, com objetivos claros e uma boa organização que ajude a realizar uma atividade mais continuada e eficiente. Os universitários podem unir-se de forma interdisciplinar para aplicar os seus conhecimentos na resolução de problemas sociais e, nesta tarefa, podem trabalhar lado a lado com jovens doutras Igrejas e doutras religiões.

173. Como no milagre de Jesus, os pães e os peixes dos jovens podem multiplicar-se (cf. Jo 6, 4-13). Como na parábola, as pequenas sementes dos jovens tornam-se árvores e frutos de colheita (cf. Mt 13, 23.31-32). Tudo isto se realiza a partir da fonte viva da Eucaristia, na qual o nosso pão e o nosso vinho se transformam para nos dar a Vida eterna. Aos jovens, está confiada uma tarefa imensa e difícil. Com fé no Ressuscitado, poderão enfrentá-la com criatividade e esperança, colocando-se sempre na posição de serviço, como os servos das bodas de Caná, colaboradores inesperados do primeiro sinal de Jesus, só por terem seguido a recomendação de sua Mãe: «Fazei o que Ele vos disser» (Jo 2, 5). Misericórdia, criatividade e esperança fazem crescer a vida.

174. Quero encorajar-te a assumir este compromisso, porque sei que «o teu coração, coração jovem, quer construir um mundo melhor. Acompanho as notícias do mundo e vejo que muitos jovens, em tantas partes do mundo, saíram para as ruas para expressar o desejo de uma civilização mais justa e fraterna. Os jovens nas ruas; são jovens que querem ser protagonistas da mudança. Por favor, não deixeis para outros

<sup>81</sup> Vatican News. Christus vivit : jovens 'em saída' que não conhecem o sofá. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2019-12/christus-vivit-jovens-em-saida-nao-conhecem-sofa.html> Acesso em: 08/05/2024.





o ser protagonista da mudança! Vós sois aqueles que detêm o futuro! Através de vós, entra o futuro no mundo. Também a vós, eu peço para serdes protagonistas desta mudança. Continuai a vencer a apatia, dando uma resposta cristã às inquietações sociais e políticas que estão surgindo em várias partes do mundo. Peço-vos para serdes construtores do futuro, trabalhai por um mundo melhor. Queridos jovens, por favor, não “olheis da sacada” a vida, entrai nela. Jesus não ficou na sacada, mergulhou... Não olheis da sacada a vida, mergulhai nela, como fez Jesus».[92] Mas sobretudo, duma forma ou doutra, lutai pelo bem comum, sede servidores dos pobres, sede protagonistas da revolução da caridade e do serviço, capazes de resistir às patologias do individualismo consumista e superficial.

## 9. UMA PALAVRA SOBRE IGREJA CATÓLICA NO BRASIL E OS JOVENS

Tanto no campo social, como no eclesial, parecemos não ter ainda encontrado o compasso para lidar com a juventude, ou melhor, para oportunizar que a própria juventude lide consigo mesma, sendo incluída na trama. Ao menos não desde que a categoria se manifesta em sua especificidade, não reduzida ou à etapa da infância ou da vida adulta. Muitas iniciativas no campo da formação foram experimentadas dentro e fora da Igreja Católica. Movimentos juvenis, em geral supervisionados por autoridades externas, que não lhes franquiavam completo domínio sobre suas decisões. Em 2007, o episcopado brasileiro aprovou o Documento n. 85, “Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais, que passou a orientar as ações da Igreja no Brasil quanto ao Setor Juventude. Partiu-se de um argumento válido: de que são muitas as expressões juvenis e que não se podia encerrar em um modelo como única possibilidade. Passados quase vinte anos, perguntamo-nos: até que ponto conseguimos suscitar novas lideranças juvenis?

Acaso não estaríamos outra vez construindo leituras de mundo *para* a juventude e nem sempre *com* ela. Não é incomum vermos grupos de jovens em cujas coordenações ou não há jovens, ou os que há não têm voto nas decisões mais significativas. Se a juventude é, então, o novo respiro de mundo, novos “óculos” para enxergarmos a mesma e velha realidade, sua ausência em espaços de decisão implica a manutenção de sistemas que já se mostraram insuficientes para lidar com nossa época. Em muitos lugares, a maior força eclesial de juventude disponível são grupos de acólitos ou coroinhas, fiéis ao serviço litúrgico, mas apenas a isso. São raros os espaços em que se fala de projeto de vida, em que se faça análise de conjuntura com a juventude em perspectiva de um futuro revestido da esperança evangélica.





Em tempos de reforço à dimensão do pecado e do medo, a juventude não encontra espaços para progredir em seu próprio amadurecimento e protagonismo.

## 10. SINAIS DE ESPERANÇA

Quando se trata de conflitos, crises das mais diversas, catástrofes climáticas, períodos de grandes mudanças, os mais jovens estão entre os que mais afetados. Em outubro de 2023, poucos dias depois do início do conflito entre o Hamas e Israel, a população em Gaza era uma das mais jovens do mundo, com uma média de idade de 18 anos, “quase metade dos moradores, 47%, são jovens de até 17 anos, de acordo com o *Palestinian Central Bureau of Statistics* (Escritório Central de Estatísticas Palestino, em português)”<sup>82</sup>. Porém, os números que chegaram no início de abril do corrente ano, trazem a triste notícia de que, desde o início do conflito, dos mais de 33 mil palestinos que já morreram, 13 mil são crianças e jovens. “Além da fome, da falta de água e de hospitais, a educação também é prejudicada. 386 escolas foram destruídas, o que afetou 625 mil estudantes. E várias das que ainda estão de pé, se transformaram em abrigos”<sup>83</sup>.

Desde o início do mês de maio o Brasil assiste entristecido e preocupado com as enchentes que têm feito mortos (as), feridos (as) e desabrigados (as) no Rio Grande do Sul. A catástrofe atinge especialmente as crianças e jovens que estão entre as famílias que perderam tudo o que tinham e ainda estão sem aulas, sem escolas e universidades com data certa para retornarem. Nesse aspecto, todos (as) foram atingidos (as), “estima-se que pelo menos 700 mil estudantes tenham ficado sem aulas devido às chuvas e enchentes. Levantamento da Secretaria de Educação do RS mostra que, até a noite de domingo, 2.338 escolas estaduais haviam sido afetadas de alguma forma pelas chuvas. O governo suspendeu as aulas em toda a rede estadual, que só

---

<sup>82</sup> GRANCHI, Giulia. Quase metade dos moradores de Gaza tem menos de 18 anos; as razões por trás da população jovem. BBC News Brasil, 15/10/2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/czv9w2xkxk0o>. Acesso em 11/05/2024.

<sup>83</sup> MOREIRA, Pedro. Internacional: 13 mil crianças morreram, desde outubro, em Gaza. Agência Brasil, 09/04/2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/internacional/audio/2024-04/internacional-13-mil-criancas-morreram-desde-outubro-em-gaza>. Acesso em: 11/05/2024.





serão retomadas gradativamente, primeiros nas regiões menos afetadas. Vários municípios também cancelaram as aulas”<sup>84</sup>.

Mas, mesmo diante de situações tão extremadas como as de Gaza, do Rio Grande do Sul, ou de outras regiões do planeta em que temos crianças, jovens e adultos em sofrimento físico e/ou mental, é preciso ter esperança, e mais, ousar afastar a tristeza e buscar a alegria em viver. Pois, como o papa Francisco nos alertou em sua reflexão de fevereiro do corrente ano, há uma tristeza amiga, disse o pontífice, aquela que nos leva à salvação. Mas também, completou ele, aquela que aparece no coração e mata a esperança. “Certos lutos prolongados, em que uma pessoa continua a ampliar o vazio daqueles que já não estão mais lá, não são próprios da vida no Espírito. Certas amarguras rancorosas, pelas quais uma pessoa sempre tem em mente uma reivindicação que a faz assumir as roupas da vítima, não produzem em nós uma vida saudável, e muito menos cristã. Há algo no passado de todos que precisa ser curado”. E a cura está em Cristo, disse o papa, na certeza da Ressurreição.

Movidos (as) certamente pela esperança vemos exemplos de protagonismo juventude brasileira que se espalha e cresce para enfrentar as desigualdades e injustiças. Escuta Preta, Tarja Preta, Núcleo Ayé e Coletivo Negro, são grupos criados por negros e negras, estudantes na USP em busca de acolhimento e representatividade na universidade.<sup>85</sup> Outra experiência interessante é a do Enegrecer (Coletivo Nacional de Juventude Negra), criado em 2009 em Salvador, e que tem várias frentes de atuação como: combate ao racismo; a luta pela liberdade; protagonismo juvenil; luta contra a opressão das mulheres, entre outras.<sup>86</sup> Em 2022 jovens dirigentes sindicais criaram o Coletivo Nacional de Comunicação da Juventude CUT, para formar e informar para o movimento sindical. O jovem ativista da UNICEF Brasil, Erick Soares, 20 anos, fundou em 2020 o Coletivo Arteração, formado por artistas independentes de escola pública e da periferia, de 14 a 29 anos, para traçar caminhos rumo à democratização do acesso à cultura, à educação, à saúde, ao lazer e à segurança.

<sup>84</sup> TERRA. O que será dos estudantes gaúchos após as enchentes? 09/05/2024. Disponível em : <https://www.terra.com.br/noticias/o-que-sera-dos-estudantes-gauchos-apos-as-enchentes,2ded0b912e763e97b4fffb7bdfdfdfdefgydejtr3.html>. Acesso em 11/05/2024.

<sup>85</sup> Ver o site: <https://jornal.usp.br/universidade/coletivos-ajudam-estudantes-negros-na-busca-de-representatividade-e-acolhimento-na-usp/>. Acesso em 11/05/2024.

<sup>86</sup> Ver site: <http://enegrecer.blogspot.com/2006/08/quem-somos.html>. Acesso em 11/05/2024.





No último dia 10 de maio, o coletivo norte-americano *The Beatbox House*, compartilhou experiências com adolescentes em internação no CASA Rio Paraná, centro socioeducativo da Fundação CASA no Complexo do Brás, em São Paulo. O grupo apresentou músicas e ensinaram arte, além de compartilhar suas experiências e as dificuldades da vida artística. Segundo o Adido Cultural do Consulado Geral dos Estados Unidos em São Paulo, Gerry Kaufman, “A ideia foi mostrar que o beatbox é uma forma musical que não exige nada além da performance do próprio corpo, o que torna acessível a todas as audiências”.<sup>87</sup>

Como podemos ver, apesar das dificuldades dessa etapa transitória da vida que é a juventude, grupos de jovens têm se organizado trazendo novas experiências carregadas de subjetividades em busca de suas identidades e reconhecimento social. Operam em diversos espaços, na universidade, na comunidade, nas escolas, e produzem alternativas de organização, sociabilidades, de luta. Ocupam lugares, conquistam espaços para darem voz aos seus desejos e necessidades. Constroem ações coletivas e mobilizações de luta por diversas causas. Isso é mais que esperança, isso é esperar.

---

<sup>87</sup> Jovens do CASA Rio Paraná se impressionam com apresentação do coletivo The Beatbox House. Disponível em: <https://fundacaocasa.sp.gov.br/index.php/jovens-do-casa-rio-parana-se-impressionam-com-apresentacao-do-coletivo-the-beatbox-house/> Acesso em: 11/05/2024.

